A ÁGUIA

ORGÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA

100 rs.

10

A ÁGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL

Directores:
Teixeira de Pascoaes e *António Carneiro.*
Secretário da redacção, editor e administrador *Álvaro Pinto.*

Correspondentes:
Paris—Philéas Lebesgue.
Salamanca—Miguel de Unamuno.
Barcelona—Ribera y Rovira.

PROPRIEDADE DA "RENASCENÇA PORTUGUESA"

SUMÁRIO DO N.º 10 (2.ª série)—Outubro de 1912.

PREÇOS *(Pagamento adeantado)*

	Avulso	Semestre	Ano
Portugal . . .	100 rs.	500 rs.	1$000 rs.
África e Índia .	120 rs.	600 rs.	1$200 rs.
Espanha . . .	60 ct.	3 pesetas	6 pesetas
Estrangeiro . .	60 ct.	3 francos	6 francos.
Brasil	500 rs. fr.	3$000 rs.	6$000 rs.

PREÇO *dos anúncios* (por publicação)

	Na capa	Além do texto
1 página .	4$000 rs.	3$000 rs.
1/2 » .	2$200 rs.	1$600 rs.
1/4 » .	1$200 rs.	900 rs.

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância. A cobrança é á custa do assinante.)

DEPOSITÁRIOS—No Pôrto—Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Carmelitas. Em Coimbra, F. França & Armenio Amado. Em Lisboa—Livraria Ferreira; Rua Aurea.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Baía e Santos; na África, em Loanda, Catumbella e Lourenço Marques; na Índia, em Nova Gôa.

Redacção e administração—R. Elias Garcia, 12, Pôrto.
Tipografia—Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27, Pôrto.

Toda a colaboração é solicitada.
Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretário da redacção.

O Saudosismo e a Renascença

A Raul Proença

N'estes ultimos meses, a cidade do Porto, que representa o norte do paiz, tem manifestado verdadeira simpatia pela nossa sociedade devida ao entusiasmo de algumas almas que sonham estimular e orientar, n'um sentido superior e definido, as acordadas energias da Raça.

E este movimento de simpatia a favor da "Renascença„ revela as qualidades organisadoras do norte. Será o norte, portanto, que edificará, sobre as ruinas da monarchia que o sul gloriosamente derruiu, a Democracia Lusitana.

Por isso, o Porto é o berço da "Renascença„, o logar carinhoso e natal onde ella desabrochou para crear raizes em toda a terra portuguesa.

As manifestações da Camara municipal e do Centro comercial mostram bem o que acabamos de affirmar: a plena identificação do Porto com a Renascença e o seu programa.

Os homens que fazem parte d'esta sociedade encontram assim o necessario alento para a continuação da sua obra redentôra. E bom é que o encontrem, precisamente na hora em que pseudo-portugueses, mais ou menos envernisados de literatura, os guerreiam com todas as armas, desde a facada traiçoeira á calunia vil. Todavia, estes *pseudos* representam o *estrangeirismo* defendendo-se; são os microbios da nossa doença social luctando pela vida.

Vejo que as minhas palavras se vão tornando violentas... Mas é amargo ser ofendido, sobre tudo na sinceridade e desinteressse da nossa crença. É amargo porque é brutal. Nada mais insuportavel que um acto mau da estupidez, principalmente da estupidez ilustre, da estupidez graduada em letras ou em sciencias.

Que fiquem em paz os caluniadôres. Regosigêmo-nos com a simpatia publica que hoje alenta e revigora a "Renascença Portuguesa„

Deixemos tambem em paz os homens de outros tempos, encarcerados nos seus preconceitos e imutaveis principios ferrugentos, —homens a quem os pêlos da alma embranqueceram primeiro que os da cabeça e do rosto.

O meu desejo é referir-me a alguns novos dotados das mais belas faculdades de inteligencia e coração, que discordam sinceramente com a luz orientadôra da "Renascença„, como Raul Proença, Antonio Sergio e outros.

Estes dois homens ilustres pertencem ao numero dos fundadôres da "Renascença", que muitissimo lhes deve, e da qual se separaram depois por um mal entendido, creio eu.

Sim; entre Raul Proença, por exemplo, e o "Saudosismo" parece-me haver um mal entendido apenas.

Assim seja. Vejamos.

A verdade é que o Saudosismo representa o culto da alma portuguesa no que ela encerra de novo credo religioso e, de nova emoção poetica, em virtude da sua ascendencia étnica. Sendo ela a perfeita resultante espiritual da fusão dos sangues semita e romano creadores do christianismo e paganismo, contem fatalmente uma nova concepção da vida, o que é para nós, portugueses, inexgotavel fonte de belêsa divina, de religiosa arte puramente lusitana, tão precisa á independencia moral da nossa Patria. A *alma lusitana*, que se revela como síntese do principio sensual e do principio espiritual pela sua creação da "Saudade" que é a *velha Lembrança gerando o novo Desejo*, torna-se assim a propria alma da nova "Renascença" respondendo, em linguagem portuguesa, a *este despertar da alma* que se nota nos mais adeantados povos europeus, e é o grande signal dos tempos...

Ahi está o que é o "Saudosismo", nada incompativel com o moderno espírito europeu, mas antes acompanhando-o, embora sem poder o seu perfil inconfundivel.

Todos os povos devem caminhar para a frente todavia; é de grande utilidade á civilisação do mundo, que cada povo concorra para ela com o seu quinhão original, a fim de se evitar a terrivel monotonia da uniformidade. E' preciso que o mundo não diminua em belêsa e não perca o seu pitoresco.

A felicidade economica, só por si, não satisfaz o homem. Para que a vida seja alegre necessita de ser interessante.

Repetirei que a orientação saudosista da "Renascença" não é inimiga dos progressos realisados lá fóra.

A sua intransigencia não vae alem do campo religioso e artístico, e o seu lusitanismo não é tão feroz como o snr. Raul Proença imagina, embora o contrario se compreendesse bem como reação contra tantos anos de nocivas influencias estrangeiras, que têm diminuido imenso o nosso caracter e, portanto, a nossa independencia.

O programa do snr. Raul Proença não é incompativel com a orientação da "Renascença Portuguesa". Sendo um trabalho de grande valor, tem sómente o defeito de haver pôsto de parte a alma lusitana, essencialissima á creação do novo Portugal que nós sonhamos. Eis porque o programa do sr. Raul Proença e o da "Renascença" não são inimigos: completam-se. Basta que o ilustre escritor faça as pazes com a alma do seu Povo, essa fonte mal explorada ainda, escondendo ainda no seu seio as mais ineditas belêsas.

E porque não?

Para grande utilidade da "Renascença", não posso deixar de

acalentar a grata ideia de ver desfeito esse mal entendido, e vêr os nossos antigos companheiros de novo ao nosso lado, trabalhando para o mesmo fim redentor, animados da mesma fé.

Teixeira de Pascoaes

P. S. Alguns jornaes consideram-me o chefe da "Renascença". Devo declarar que não ha chefes na "Renascença". A sua organisação é perfeitamente democratica. O meu logar é ao lado dos meus companheiros.

T. de P.

AUSENTE

Estou longe de mim. Tudo o que eu fui
Erra no Tempo. Amei e fecundei.
Certo jardim, á tarde, onde passei,
Em côr e olôr minha alma restitue.

Eis-me no ocaso. A luz evóca e aflue
P'ra alem de mim. E, principe, reinei...
Doido, hoje sirvo o imaginario rei.
Sou a saudade,—a onda que reflue.

Cúrvo o olhar sobre mim e não me avisto.
Falo d'alem: voz de echo e longe; ausente,
Crucifiquei-me em sombra, vivo em Christo.

E' noite e sangro, o sangue em mim se exalta;
Resurjo... luar... eu-proprio, frente a frente,
Tocou-me Deus: a Ausencia é a cruz mais alta!

Mario Beirão

MEDALHAS

A Mario Beirão.

CAMILLO:—Um cego de genio, perdido nos labyrinthos de sombra da sua alma divina de miserias.

FIALHO D'ALMEIDA:—Obra de Deus e de Satan em Carrara e barro.

ANTONIO NOBRE:—Creança e genio. É o menino dos velhos contos portuguezes, que as fadas encontraram nas encruzilhadas do Destino e a quem fadaram Poeta.

E elle partiu a cumprir o bom recado, rico de innocencia e emoção.

Ei-lo agora *Só* no bosque, menino e marechal de bastão florido, cobrindo d'oiro e fatalidade—o céo, as arvores, a gente de Portugal!...

OLIVEIRA MARTINS:—Uma sombra de heroes, escrevendo memorias.

ANTHERO DO QUENTAL:—Subiu sempre. De perfeição em perfeição foi dar á Morte!

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO:—Um Inferno de riso com entranhas de dôr, matando alegrias a rir...

EÇA DE QUEIRÓZ:—Um monumento aos realistas francezes no pateo da *Illustre casa de Ramires.*

SOARES DOS REIS:—*Maquette* extraordinaria de melancholia. O genio grego, plastico d'amargura peninsular.

Eterno de grandeza, quando exgottou a expressão da pedra, realizou de si proprio a mais extraordinaria das suas obras—*O Suicida.*

E quando a Raça ajoelhava deante do *Desterrado,* surgia elle, tragico, moldado de Morte, provando que o barro humano excede o marmore quando a Arte ascende e se faz Alma.

Vejo-o, lá em cima, divino d'Arte e Humanidade—plasmado das miserias intimas da Raça, liberto já de si e de Deus—enorme das nossas melancholias...

EUGENIO DE CASTRO:—Artista e principe. Vive pela Arte o reino da sua imaginação,—fausta de pedrarias, talento, e etiqueta.

Padece a sorrir o bem da sua prisão em torre de menagem, onde o encerraram por servir a memoria dos senhores Reis...
D'ahi edita a frio, o mundo intimo da sua alma bizarra.
E vive aspectos enormes!
É, ao mesmo tempo, uma Nova India d'Arte, e um Plutarcho das grandes sombras...

TEIXEIRA LOPES:—Extranha figura de sombrio!
Notavel fatalidade a do seu genio!
E' ainda a alma portugueza a plasmar a Dôr.
Um milagre de sentido:—a Raça a estatuar-se em agonia, a commover o bronze, a pedra!...

Figueira da Fós, Set. 20—1912.

O CALVÁRIO DA TARDE

Numa tarde morrente e abençoada
De lágrimas de luz cristã, beijando...,
A natureza inteira ajoelhada
Do pão de Deus comunga, suspirando...

É a hora do crepúsculo—o calvário
Que o trágico perfil cala nos céus...
E o Sol—cálix de sangue e santuário
Da agonia da tarde ergue-se a Deus!

A luz dilui-se em lágrimas de dor...
Vem do campo florido o cavador,
Ao ombro leva a enxada que trabalha...

Sobe a uma encosta e mal que se aproxima
Do drama da paixão, grita de cima:
—"Olha o calvário! Santo Deus me valha!„

Santa Marta, 2—VII—912.

Carlos de Oliveira

Da "Renascença Portuguesa,, e seus intuitos

A' **volta** da Renascença Portuguesa, tem-se feito ultimamente um grande movimento de interesse, já revestindo a forma do aplauso, já a da discussão serena, mas escondendo-se tambem sob a máscara do desdem, da violenta diatribe e até do ataque pessoal àquelles dos seus membros que mais esforço lhe dedicam. Não vem para aqui essa discussão. São cegas as paixões e, ainda quando lutam desinteressadamente pelos mais nobres ideais, podem acordar no animo as fundalhas da inferioridade animal, trazendo à superfície o egoismo, a irritação, a vaidade, que tão humanas são. Esta revista é para nós um templo: a nossa esperança, esforço, fervôr patriótico, lutas de ideias ou realisações de Belesa, unge-os a nossa fé de profunda religiosidade. Ao entrar-lhe o ádito façamos a ablução dos ritos: e basta ganhar a consciência dos nossos desejos e do nosso esfôrço, a realisar esse banho lustral.

Eis, porque serenamente continuaremos a falar dos nossos intuitos e, para demonstrar a sua oportunidade, justeza, valôr intrínseco e necessidade real, procuraremos falar numa linguagem simples, clara, sincera, tal qual o desejo que nos anima.

Ninguem põe em dúvida que um dos primeiros males do português seja a fraquesa, a hesitação da vontade, impulsiva e brusca, resolvendo-se em fogachos de pouca duração. Sem o alicerce da vontade não ha caracter, e o que se afirma do indivíduo, pode egualmente afirmar-se da colectividade, que, sem os nobres e persistentes caracteres, não rèalisará obra de fôlego, qual seja a do resurgimento da nacionalidade. Isto chega a ser um logar comum, de repetido em sermonatas politicas e artigos de fundo. Quanto ás causas do mal, dessa pantanosa inércia do povo português, são para as classes letradas a educação jesuítica, que desde o meado do século XVI até hoje inda nos não abandonou; e para estes e para os demais—a grande maioria—é a falta de consciência nacional, que o nosso povo perdeu ao findar daquele século e que só agora entra palidamente a afirmar-se.

O nosso grande mal é, pois, uma doença da vontade, cujos sintomas se chamam o desalento, o pessimismo, o abandôno fatalista, uma inerte cobardia e a falta de confiança no esfôrço próprio—mal a que já Camões chamou *uma apagada e vil tristesa*.

Qual o meio de a combater? Eis o problema. Se fôrmos, no emtanto, a estuda-lo bem, veremos que o grande, o único, o infalivel meio de despertar uma vontade adormecida são os impulsos afectivos. Acordai no mais abatido dos abúlicos um desses sentimentos que, como que fazem parte da estrutura da nossa Alma, e vereis que imediatamente toma resoluções enérgicas, é capaz de ímpetos e indignações e chegar até ao sacrificio da propria vida. Não é

esta uma afirmação ligeira e insubsistente, constitue antes o enunciado duma lei empírica, duma das primeiras aquisições da psicologia exprimental. Está hoje copiosamente demonstrada em Ribot e largamente aplicada pelo filósofo Payot à educação da vontade. É essa afirmação tão verdadeira que já Spencer declara que são os sentimentos que governam o mundo, e Michelet dizia: "O advento duma ideia não é tanto a primeira aparição da sua fórmula, como a sua definitiva incubação, quando, depois de ter sido aquecida pelo amôr, desabrocha, fecundada pela fôrça do coração." (1)

Mas o que é a cegueira e a má vontade dos homens... É sabido que o nosso Povo sofre duma terrivel doença da vontade; averiguado está que só os poderosos impulsos afectivos podem neles acordar as fortes volições; e quando alguem tenta ministrar ao doente o único remédio possivel, acordar para uma clara consciência os seus mais genuinos sentimentos, as virtudes que lhe são proprias, logo ha quem acuse, desdenhe, emende ou castigue e tudo pelo terrôr que lhes inspira o que não podem compreender ou sentir e ainda pelo hábito de ver nas palavras unicamente o seu esqueleto verbal, sem se darem ao trabalho de procurar a riqueza intima que as anima.

O que para aí se tem dito da saüdade e do saüdosismo, do misticismo dos poetas novos, do sebastianismo, etc, etc...

Ora vejamos demoradamente a quantidade de justiça que cabe a essas diatribes e se esse saüdosismo ou misticismo não é legitimo, proprio, original e fecundo à luz dum critério histórico e filosófico.

Quem sabe se aqueles mesmo que tanto teimam em nos aconselhar a panaceia da civilisação europeia, desconhecem por absoluto a historia da sua patria e as conclusões a que chegaram os mais altos espíritos da sua Terra?

Aqui repetirei o que já algures disse e é que são bem felizes os povos a quem os séculos deram um doloroso sabêr de experiências feito, uma alma original e uma clara consciência do seu valôr, para num dado momento da sua história, perante uma nova missão a cumprir, realisarem a coerencia das suas maximas virtudes. Para a história os povos são outras tantas criaturas, e essa divina artista apenas funde no seu bronze eterno as figuras, cujo perfil possua o vigôr, a nobresa a energia sóbria e original que bastem a distingui-lo entre todos num rápido olhar.

Fita de bem alto por um olhar soberano, que tenha o poder de fundir os mais complexos agregados numa unidade rigida, a História é uma galeria de estátuas. Um poder imenso de síntese revelatória eternisou-lhes na gozosa paz do mármore o fogo da sua atitude eleita. A mão desse divino Praxiteles tambem ergueu na pureza dum ambiente espiritual, num bloco do seu marmore, em harmonia perfeita, em tranquilidade soberana, a alma, o espirito original do nosso Povo.

É um infante D. Henrique, a quem a audácia e a fé, o misti-

(1) Les femmes de la Revolution, pag. 321.

cismo e o amôr da Naturesa marmorisaram o braço em tão grande esfôrço criador que, ele—o pequeno Povo—ergue o Mundo na mão como um Deus-menino, dele fazendo a sua dádiva à ância indagadôra, à infinita sêde da Humanidade. Sim, são felizes os povos, que nas horas de dúvida ou de angústia podem olhar demoradamente a sua própria estátua e nessa contemplação, nesse profundo ensimesmamento, recordar as energias intimas para abrazar a vontade numa nova fé. Assim o valôr da tradição, o significado de todas as tentativas de renascimento consiste no desejo e no esfôrço consciente de fundir a atitude fria da estátua na torrente das expressões duma vida gémea, ou mais ainda no desejo de retocar a escultura, dilatando-lhe as feições em mais intrinseca nobreza, acendendo-lhe no olhar uma chama mais viva de audácia criadôra.

É isso o que tenta a *Renascença Portuguesa*, procurando tornar-se a consciência activa dum fenómeno social de resurgimento que, de ha alguns anos para cá, se vem realisando, ainda que parcialmente, na nossa terra e que só os cegos ou os descrentes e pessimistas por ofício podem negar.

Não será digna de aplauso, incitamento e respeitosa atenção uma iniciativa animada de semelhantes intuitos?

Não é certo tambem que a obra, que se propõe realisar semelhante agremiação, não poderá ser julgada, volvidos apenas alguns meses de iniciar os seus esforços?

Vejamos agora até que ponto é lógico e será perduravel esse esforço. Averiguado ficou qual seja o nosso maior mal—a tibiesa da vontade, que equivale á falta absoluta de caracter, e, sabido como nós tivemos noutros séculos uma ardente e voluntariosa individualidade, concluiremos que o nosso Povo está desnacionalisado, que tem perdida a consciência do seu espirito original, que envolve em si audácia e vontade heroica. Egualmente se observou que para despertar a vontade no individuo ou na colectividade são necessários os impulsos afectivos, o que equivale a dizer, aplicando a lei ao nosso caso, que é necessário acordar no espírito do nosso Povo os sentimentos que lhe sejam próprios, que formem a característica afectiva da sua individualidade, a sua inconfundivel fisionomia espiritual.

Quais são esses sentimentos? Será possivel isola-los e defenir dalgum modo essa original fisionomia?

Se existe, como é fora de dúvidas, um renascimento do original espírito português, pelo menos na nossa poesia, lícito é defini-lo por essa corrente poética dominante, e a ser exacta, essa definição deverá coincidir, semelhar-se ou reproduzir em novas formas a que dê esse mesmo espírito apenas *nascido*, isto é, na sua primeira afirmação original dos tempos aureos da nossa história.

Disso iremos indagar. Teixeira de Pascoais definiu o *Espírito Lusitano* pela concepção religiosa do Saudosismo, revelado nessa corrente poética afirmada exuberantemente em várias individualidades [1] A Saudade assim revelada na nossa moderna Poesia e ainda

[1] Veja-se a sua conferência—*O Espirito Lusitano ou o Saudosismo.*

ENGENHO DE MOER CASCA DE CARVALHO – FAFE

(De Cervantes de Haro)

na obra de outros artistas e na do filósofo Leonardo Coimbra, perde o seu significado banal e atinge a altura duma sintese psicológica e religiosa como produto do casamento do cristianismo com o pagamismo, do caracter ariano com o semita, dos diversos espíritos das duas religiões, realisando a fusão das qualidades-contrastes desses dois ramos etnicos. A Saüdade, assim, bem longe de ser um sentimento mórbido e regressivo, passa a ser o espírito lusitano criador levando a Raça às suas maiores realisações de heroismo e beleza. É o que claríssimamente se depreende destas palavras de Pascoais: "Foi a Saudade transfigurada em Acção e Vitória no corpo de Afonso Henriques, que riscou na Ibéria as fronteiras de Portugal. Foi a Saudade o Zéfiro do Remoto que enfunou as velas das nossas naus descobridôras. Foi ela que venceu em Aljubarrota, foi ela que cantou nas estrofes dos Lusíadas. Foi ela que nos seus dias de luto criou a misteriosa figura do Encoberto. Foi ela que despedaçou as nossas grilhetas em 1640, e, com um relampago dos seus olhos, fulminou o leão castelhano. Foi ainda ela que animou a alma popular no dia 5 de Outubro... essa última esperança que nós não devemos deixar morrer!„ (1)

Acrescentaremos ainda que nem só Pascoais viu na moderna poesia portuguêsa esse espírito-sintese do pagamismo e do cristianismo.

Já Leonardo Coimbra num artigo de jornal, referindo-se a um poema moderno dizia: "Tambem era para mim o mais importante justificar o poema e a poesia que se chama panteista e que eu prefiro classificar de paganismo transcendente. O poema é nessa corrente de *paganismo espiritualista*, que constitue hoje a mais alta manifestação da nossa poesia e que é representada... (2)„

Como vêem as duas expressões equivalem-se.

Unicamente Leonardo Coimbra nessa altura não erigia o *paganismo espiritualista*, a espirito original da própria Raça.

Será então que esse estranho religiosismo dos nossos poetas, o misticismo de uns, o saudosismo e o paganismo espiritualista de outros, não seja bem caracteristico do fundo psiquico da Raça e não tivesse já noutros periodos da nossa história os seus representantes e justamente nas suas figuras supremas?

É inegavel que um misticismo compativel com uma libérrima afirmação de individualidade, abrazando a vontade em heroismo, anima e fecunda a vida das figuras mais altas da Raça e entre essas para exemplificar escolheremos tres das maiores—Nun'Alvares, o infante D. Henrique e Afonso de Albuquerque. Um resgata a Pátria da tremenda crise do século XIV, consolidando-lhe a independencia; o outro alarga-lhe os horisontes preparando a sua expansão por todo o globo; e o último, um dos maiores génios guerreiros da Humanidade, funda, a poder de heroismro, o nosso imenso império do Oriente. Nun'Alvares criava visões misticas à sua volta e,

(1) Idem.
(2) Veja-se o jornal *A Patria* do Porto, de 25 de Setembro de 1910.

já no principio da batalha de Valverde, caía em extase, orando; o infante de Sagres, intuicionando genialmente os destinos da Pátria, cria sêr um enviado de Deus e exclamava em Tanger aos que ajuisadamente temiam pela empresa: "Bem sei que a gente é pouca, mas Deus ordena!„; e o Albuquerque ao dirigir-se à conquista de Aden via aparecer-lhe no Ceu, prenuncio divino, uma grande cruz vermelha, precisamente quando ele pretendia dirigir-se a Meca, roubar o corpo do Profeta para depois resgatar o Santo Sepulcro.

Mas que analogia poderá ter esse misticismo, que incendiava a mente dos herois com o espirito religioso da poesia moderna?

Não é dificil encontra-las, por extranho que isso pareça aos animos timoratos; mas, como as minhas afirmações poderiam ser suspeitas, eu mais uma vez invocarei o nome de Oliveira Martins, o historiadôr de génio, que não é sócio da *Renascença Portuguesa* (saibam-no todos!) e do qual ninguem pode afirmar que não houvesse vivido bem de perto nos seus heroismos, nas suas fortunas e e desgraças a alma pátria.

Pois bem, é ele, para os que lhe reconhecerem autoridade, que irá dicidir a questão. É assim que se refere ao nosso misticismo: "Os misticos não formam uma escola: nascem do solo, individual o espontaneamento, conforme observou um crítico moderno. São a manifestação do quer que é de constitucional na psicologia da nação, e debalde se lhe buscaria uma filiação erudita, ou de escola.„ Mais adiante declara que a origem espontanea e o caracter moral desse misticismo "são a razão da feição nova e eminentemente distinta na Europa, que apresenta este fenómeno mental—o primeiro sem dúvida em importancia para a determinação da fisionomia colectiva, e a fonte indiscutivel da extraordinária energia nacional do XVI século.„

Como é então que o misticismo tão oposto ao heroismo e ao sentimento de independencia pessoal, traço caracteristico da nação, não abafou as energias individuais? É Oliveira Martins que nos vai responder. É que esse "*misticismo* tem este caracter próprio, único e verdadeiramente novo: é a afirmação da vontade humana, é *naturalista*. Combinar num equilibrio mais ou menos estavel a liberdade e a predestinação. a razão e a graça, era empresa em que toda a escolástica se empenhara em vão. [1]„ Segundo o grande historiadôr foi o génio peninsular que realisou esse equilibrio, essa *fusão de contrastes*, como diria Pascoais. Vejam agora como *saudosismo, paganismo espiritualista* e *misticismo naturalista* se equivalem para designar o mesmo espirito em acepções mais ou menos semelhantes e mais ou menos amplas. É certo que Oliveira Martins se refere ao génio peninsular, mas é certo egualmente pelo que diz respeito propriamente à Hespanha que o genio de Loyola destruiu o equilibrio a esse misticismo, amputando-lhe com o jesuitismo o lado naturalista, abafando a liberdade individual no dever duma submissa obediencia. Por seu lado o genio popular português, lançada a

[1] Hist. da Civilisação Ibérica. pag. 243 e seg.

Patria na extrema desgraça, de si dava uma creação religiosa, em que pela Saudade fundia os elementos contrastes—o sebastianismo, divinisando o ultimo representante do seu ciclo heroico e refugiando-se nessa esperança messianica, como num baluarte, contra todas as tentativas de desnacionalisação, tentada por Loyola e pelos Filipes.

Quebrou-se o encantamento de sonho em que o Povo viveu durante séculos, ei-lo que principia a crêr na realisação das suas esperanças e correspondendo a esse renascimento aparece nos artistas portuguêses uma nova afirmação daquele *misticismo naturalista*, que vem novamente florir no extremo da Peninsula.

Que essa poesia seja religiosa não é de admirar para aqneles que souberem que hoje é a Arte o equivalente das religiões. Assim a definem grandes filósofos e, a acreditar o que diz o grande Schuré, é a poesia portuguêsa que realisa a sintese a que aspira o religiosismo moderno. Eis o que ele diz e que nòs traduzimos para que ninguem deixe de lêr as suas palavras:

"Duas grandes correntes se desenham à superficie da história ha dois mil anos para cá.

Distinguem-se em toda a parte sobre esse mar agitado que forma a humanidade em movimento... É a luta entre o mundo religioso e mundo laico, entre a Fé e a Sciência, entre o *Paganismo e o Cristianismo,* entre o Eterno e o Presente. Luta insistente, imperiosa, encarniçada a que ninguem escapa. É a desgraça e a grandeza, o flagelo e a honra do nosso tempo; porqne toda a história aí vai dar como a uma crise inevitavel.

. . . .

Considerando-as sinteticamente na sua causa inicial e nos seus efeitos em tempo indeterminado, ser-nos-ha permitido chamar a essas duas correntes: *a corrente de Cristo e a eorrente de Lucifer.*„ Mais adiante continua: "Por outro lado, a Religião, a Sciência e a Arte futuras necessitam de novos agrupamentos, que apenas se podem obter por uma cristalisação sob a impulsão dum novo principio. Ressalta de todo o movimento intelectual de ha dois mil anos para cá, a que eu acabo de traçar as grandes linhas, que essa cristalisação só é possivel por *uma sintese do principio cristão e do princípio luciferino.*„ E acaba por dizer que "o apóstolo principal e o propagador de essas novas formas da consciencia será *a Arte iniciadôra e salvadôra.* [1]„

Na opinião, pois, de Schuré, a Arte portuguêsa, saudosista, paganista transcendente, mistica-naturalista, ou como lhe quizerem chamar, realisa uma aspiração da Humanidade e está á frente dum grande movimento moderno. Num artigo anteriôr vimos como Oliveira Martins nos vaticinava a missão de pregoeiros dum novo ideal colectivo e religiôso. Propositadamente fizemos estas citações para que ninguem possa pôr em dúvida o que afirmamos.

Como se acaba de vêr a Renascença Portuguêsa não é incom-

[1] L'Evolution divine du Sphinx au Christ. Edouard Schuré, pag. 418 e seg.

patível com as aspirações modernas e de forma alguma tambem afasta, e, antes, promoverá no Povo português a parte da bôa cultura que a Europa lhe possa trazer.

Pertence esse esforço de renascimento quasi exclusivamente a Poetas? Não é bem certo, ainda que eles predominem na *Renascença Portuguêsa*.

Mas que fazer? Esperaremos que venham auxiliar-nos livremente os demais Artistas, os sábios e os obreiros de toda a ordem; e até lá procuraremos cumprir o nosso dever segundo as nossas forças e obedecendo à lei das nossas individualidades.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CARTAS INÉDITAS

XI

Meu caro Guilhermino

Disse-me o Lemos que o Padre Antonio Cardoso deixára uma boa traducção do Childe-Harold em prosa. Lembro-me de approveital-a n'um jornal litterario, que vai ser aqui fundado, e para o qual me pedem contribua. De mim, não tenho tempo; mas não lhe faria pequeno serviço brindando os redactores com esse manuscripto, que de certo os herdeiros não terão em grande valia. Se o meu amigo podesse havel-o, augmentaria os direitos, que tem ao meu reconhecimento. Seja qual fôr o periodo de silencio entre nós, confio na sua estima, e julgo-o crente nos verdadeiros sentimentos com que sou

seu amigo,

Porto, 28 de Junho de 1854.

A PRIMEIRA NAU

Num desafio, á beira do Oceano,
Sobre o cabo que avança a quilha dura
E o mar assalta numa eterna ameaça,
O Infante scisma...

E ao longe, ao longe passa
Como um fantasma de epopeia e bruma,
Uma nau, velas feitas á ventura...

—E' a primeira que parte,—
Curiosa a sulcar um caminho de espuma,
Noiva do Mar rojando o veu de nivea alvura,

—Mar tenebroso para desvendar-te,
—Edade nova, a dilatar o Mundo,
Curiosa do Alem, sonhadora insaciável,
A dar-se ao Mar, a dar-se á treva do Mar fundo...

Na prôa, a flamejar, coração vagabundo,
Um braço avança num arranque indominável,
Numa ânsia infinita, e ardente, a apontar!...
E as ondas abrem o regaço espumejante,
E a nau avança pelo Mar adeante,
—Vitória alada percorrendo todo o Mar!...

Terra de Portugal, cimo onde pairam,
Numa Vidência, os ávidos condôres,
Almas sedentas que a sonhar desvairam
Numa sêde natal de horizontes maiores,
Terra de Portugal!... Lá fica á pôpa, ao longe,
Lá se perdeu no ceu ou se vai a afundar...
Junto á imagem da prôa reza um monge,
E os marinheiros choram, a rezar...

Asas de águia real, sêdes da Lenda antiga,
Que belas asas p'ra voar por sobre as ondas!...
"Mais alem, para o Alem!...» Não importa a fadiga,
Nada pode impedir que a vossa Nau te siga,
Ó miragem ideal,—onde quer que te escondas!...

Terra de Portugal!... Vá de subir ao alto
Dos mastros para a ver a esfumar, a descer...
Nos topes bate o Sol, brilha num sobresalto,
E, ensanguentado, põe-se aos poucos a morrer...

A noite cai no mar, desce por sobre as almas...
Sobre a névoa do Mar tomba a noite do ceu...
E a nau agora sulca as aguas calmas,

—O coração do Mar adormeceu...

Lá vai a Nau, alado berço de esperanças,
Embalado, a boiar, pandas as largas velas...
Cantam, ao derredor, as ondas mansas,
Poisam nos altos mastros as estrelas...

Monge da prôa a orar, de mãos cruzadas,
Junto á imagem duma impávida ousadia...
Ergue as mãos a abençoar as ondas sossegadas,
Ergue os olhos ao ceu, canta com alegria...

Monge da prôa, canta as velhas epopeias,—
—O livro de orações deita-o ao Mar...
E tu, gageiro, escuta as vozes das sereias
Que dos longes nos andam a chamar!...

—Mar de sonho, mar-ceu, branco de nebulosa,
Ondas a resplender, seios láteos, repletos...
—Marinheiros:—dormi, sobre a nau silenciosa,
—Vá, dormi e sonhai a história gloriosa
Que ha de Camões cantar um dia aos vossos netos!

O ELOGIO DAS QUILHAS

Quilha ferindo o Mar, funda violadora
Das ondas virgens, a sangrar lírios alventes...
Ondas a ameaçar, dominadas agora,
Como canteiros ao luar, fosforecentes...

Ondas altas quais amantes orgulhosas!

Mal a Nau as possuiu logo as deixou...
Esteiras brancas, a acenar todas chorosas
E saúdosas do momento que passou...

Ofegantes liriais, tristes, as ondas olham
O amante audaz que as encantou e violou...
E, desmaiadas, já os lírios se desfolham
A pouco e pouco, lá se afundam sobre o Mar...

Quilha insaciável, quilha ardente e delirante,
Incendiada, a ofegar, e que nada detém!
Á prôa um braço a arder avança flamejante
A apontar, a tremer, — "para o alem, mais alem!..."

Lá vai a nau galgando as ondas uma a uma...
— Ondas do Mar, que maravilha vos rendeu?
Amantes vá, lançai á nau lírios de espuma,
Erguei as asas liriais que o Amor vos deu...

E a espuma quer cingir os flancos ofegantes,
Sobe no ar, treme, palpita nuns instantes,
Cai no mar, segue a nau, chama por ela em vão...

A EVOCAÇÃO DA SAUDADE

Quási não pulsa o Mar, calmo e abandonado,
No silêncio da noite a murmurar...
— Coração infantil, como um leão domado,
O coração do mar...

Vêm ondas bater, mansas, nos rudes flancos...
As belas mãos! que doces mãos a acarinhar!
Brandas mãos que parecem lírios brancos
E afagos de luar...

Na beleza amorosa e enternecida
Daquela noite religiosa e mansa,
Sobre a equipagem, sobre a nau adormecida,
Ergueu-se a voz religiosa e comovida
Da Saùdade, — e a voz ansiosa da Esperança...

Voz de creança, voz da Alma, — um vôo a erguer-se...
Lagrimas a subir, prece de mágua
E alegria de sofrer, que p'ra dizer-se
É necessario ter os olhos rasos de água...

Voz da Saúdade, voz do esfôrço evocadôra,
De alma que parte audaz chorando o Amor que deixa...
Voz para combater, clara e triunfadôra,
Voz triste, a recordar, numa suáve queixa...

Voz de silêncio e solidão, voz de orfandade...

Voz da Alma a dizer divinos heroismos...
— Um heroi semi-deus inventou a Saùdade,
Era lusíada... E lembrando a divindade
Foi em busca do ceu através dos abismos...

VOZES NO MAR ALVENTE

"Alma do Leme, ó dona dos destinos
"Da minha raça, — ó Mãe, —
"Virgem pagã dos olhos cristalinos,
"Anda connosco pelo mar álem...

"Alma do leme... Vamos em teus braços...
"Nós viemos ao Mar pela Aventura!...
"As águias amam, livres, os espaços,
"A luz do Sol não ama a noite escura...

"Pátria, perdôa, — Patria, se embarcámos
"E na praia ficaram a chorar...
"Foi pelo sonho que te abandonámos,
"Pátria, — e o nosso futuro está no mar...

"Alma do leme, ó Pátria, tu perdôa...
"Á beira-mar o mar tentou-nos... Vamos
"Para o mistério, para o Alem, á tôa...
"Pátria, perdôa, se te abandonamos...

"Alma do leme, — véla em nossas almas,
"E, na tormenta, ampara-nos, — ó flôr,
"Que a tua graça torne as ondas calmas
"E lhe serene o furor...

"Pátria!... Ó nossa companhia,
"Pão espiritual da nossa comunhão...
"— Ó saùdade da Pátria, ó alegria,
"— Ó amargura, ó devoção!...

"Pátria!... Tu vais connosco a consolar-nos,
"— Como a Saùdade se ergue em nós!... —
"Saùdades tuas e outras a chamar-nos
"Do Alem do Mar, numa outra voz...

"Seja connosco a tua companhia,
"Desejo de regresso e de chorar...
"— Ó saùdade da Pátria, ó melodia,
"— Ó saùdade do Alem, do Alem do mar...

E a Nau lá vai por sobre o Mar fosforecente...
Á pôpa, bate em cheio no castelo
Como um luar... E anda a lua ausente...
Brilha no ceu, muito alto, o sete — estrelo...

Aguas alventes como a luz coalhada
Do Sol que se afogou... Sobre a amurada

Uma cabeça espreita vigiando
A hora em que os Tritões e o alvente bando
Das Nereidas, virão, cingindo rondas,
Em volta do navio, sobre as ondas,
Como um luar,
Cantar...

Lá no alto das gáveas o gageiro
Voga num ceu de assombros!
—Paira por sobre o mundo, o aventureiro,
—Roçam-lhe estrelas, mundos pelos ombros...

E uma divina luz envolve, cinje
De pôpa á prôa a Nau que mal balança...

E aquela sombra que o mistério tece
Ao fim da prôa, sobre o mar, parece
Uma divina esfinge,

—Sobre a Nau como um berço de creança...

O olhar vagueia, aflora, etéreo afago,
O oceano macio, num consôlo...
Oceano branco, lácteo, como um lago,
Adormecendo a Nau, brandinho ao cólo...

Adormeceu o Mestre, de encantado...
A Beleza da noite, brandamente,
Todos cingiu nos braços de veludo...

Só um marujo véla, ao alto, alçado
Na erguida gávea, sobre o mar alvente,
Perto dos astros, dominando tudo!...

Eh! Gageiro! não durmas, tem cautela!...
Anda o sono a espreitar-te, toma tento!...
É a raça lusitana que em ti véla,—
Eh! Gageiro, cautela!
Não te deixes tomar de encantamento...
Dos horizontes de água ao longe, ecoando,
As sereias do Alem, saùdosas, cantam...
—E do alem de ti proprio, ó marinheiro,
Outras divinas vozes se levantam...
Alérta! marinheiro' alérta, véla!...
Ó do alto!—ó Gageiro!...

A VISÃO
DA PROFECIA

Mas que visão ao longe se concerta,
Ao longe, sobre o Mar, tocando o ceu?
E da prisão do tempo se liberta
Como um sonho de heroi que alvoresceu?...

Velas, pendões, azas tremendo ao vento,
Vultos de herois, frotas do mar, — os mastros
Aureolados, num deslumbramento,
De altivos topes a tocar nos astros?...

Eh! Gageiro! — Acima, acima
Deita os olhos em redor

"Vejo o mar cheio de vélas
"E as ondas brancas em flôr...

"E as vélas levam no bôjo
"A cruz de Cristo a brilhar...

"São mil naus... Atrás, de rojo
"Seguem os monstros do Mar...

Acima, gageiro, acima!
Conta o que vês ao redor...

"E entre os monstros o mais alto
"Chora e soluça de Amor...

"Vejo um heroi batalhando
"Rijo e firme, alevantando
"Ao alto o nosso pendão...

Gageiro, acima! que avistas?
É a terra da Promissão?

("Ah! Portugal, que conquistas
"Os campos da Perdição...)

"E o filho dele espirando,
"Despedaçado e sangrento,
"A espada firme na mão...

"Foi como um desabamento
"Quando tombou no porão!...

"Vejo Antonio da Silveira
"Luctando como um leão.
"Acossa-o a Ásia inteira!...
" — Morrer, sim, — render-me não!...

"Pacheco, Paulo de Lima
"Sangue aos jorros, um vulcão!...
"E vai a glória ao de cima
"Na sangrenta inundação...

"Eh! Portugal, não te afogues,
"Baluarte, que vais ao chão!

Dá azas largas á vista
Gageiro, na imensidão...

"Campos de guerra e conquista,
"Ai, campos de perdição!»

"E o Mar ulula, raivoso
"Coberto de cerração,
"Rouco, sombrio, a meus pés...

"Renasce o Mar-tenebroso
"Mais as tragicas marés!...

"Olha uma naú carregada
"De pecados a afundar...

"A minha raça esforçada
"Paga tributos ao Mar!

"Vejo ondas de sangue ardente
"Em ardentes areais!...

—Gageiro, a tua voz mente
Sobe ao alto, conta mais!...

"Já não vejo uma só vela
"Em toda a volta do mar...
"É noite. Nem uma estrela...
"Só oiço as ondas cantar...

—Gageiro:—que cantam elas,
Na erma noite sem estrelas,
As ondas verdes do Mar?...

"Cantam épicas façanhas,
"Estrofes de alto poema,
"Eternas'strofes estranhas
"Dominando as solidões...

"E por sobre a nossa terra
"Cai do ceu, tomba da serra
"Até ás praias do Mar,
"Uma tristeza tam triste

"Que outra ao certo não existe
"Nem se pode imaginar...

"E a voz do mar não sossega
"Dominando as solidões...

"—Ó Mar, ninguem te navega
"Ó Mar saùdoso e profundo,
"Clama os teus versos ao Mundo!...

—E o mundo escutou Camões!...

A que altura estás, gageiro!...
Perdeste a fronte nos ceus!...
Lança um olhar derradeiro,
Rouba os segredos a Deus...

"Vejo, vejo,—que alegria!...
"Uma outra aurora rompendo
"E Portugal renascendo
"Ao clarão de um novo dia...
"Vejo,—da maior altura
"Das minhas serras, largar
"Uma águia, em direitura
"Ao ceu, ao alto a voar...

"Alma lusa, águia da altura,
"Gente lusa, alma do mar!...

"Vinde vêr, gentes inquietas!

"Naus ao mar... Povo ao Restelo!
"Os pilotos são Poetas...
"Eh! embarcar, navegar!...

(Camões vive no Restelo,
De lá nos anda a chamar...)

"Jerónimos, alma erguida,
"Catedral erguida ao Mar,
"—Assiste á nova partida!...

"—Eh!—embarcar, navegar!...

"Que as tuas pedras sagradas
"Acordem em todos nós
"As ousadias passadas,
"O heroísmo dos avós!...

"Olhai-as, gentes ousadas.
"Com olhos bons, a chorar...

"Jerónimos, nau tecida
"Em pedra, aonde ficou

"A alma lusa adormecida
"E onde, por fim, despertou.

"Poema aberto em rocha viva
"Que a raça eterna foi ler...

"Não rocha muda, cativa,
"—Rocha a cantar e a vivêr!...

"Torre de Belem, ai Torre...

"Campa ou cárcere do Mar?!...

(Não! que a alma nunca morre,
"Nem se pode aprisionar!...)

"Mastro de gávea rezado
"Por cinzéis na rocha dura...
"—Portugal!—que bem guardado
"Te guardam, daquela altura!...

. . . .

Augusto Casimiro

Do poemeto "A Primeira Nau", a sair breve em edição da "Renascença Portuguesa".

Cartas de Pinheiro Chagas

I

Meu caro Guilhermino

E' a decima vez que tenho de lhe pedir desculpa pelas tolices que se fazem no jornal e que são provenientes do incrivel acanhamento e falta de desembaraço do Gervasio Lobato. Hontem recebi do jornal o seu artigo Mens furia, *uma correspondencia que o seu auctôr deseja publicar rogando a sua inserção, uns artigos da agencia* Correspondencia Portuguesa... *quer dizer o Lobato entendeu que eu devia dirigir o jornal no Espinho, como se estivesse na rua de S. Joaquim. Mandava mais perguntar-me o que havia de fazer a um romance, que o meu amigo lhe enviava, declarando que remeteria a continuação. Respondi descompondo este sistema e prohibindo expressamente que me tornassem a massar com coisas do jornal, que os artigos que o meu amigo mandasse se publicassem sempre e que o romance se fosse pequeno, se publicasse juntamente com a* Herança, *e, sendo grande, que se lhe dissesse da minha parte que o grosso público matava-nos se lhe interrompessemos agora o romance de Chavette, quando elle está ancioso de saber os segredos da carteira do cavaleiro de Saint-Dutasse. Por carta recebida hoje sei que o meu amigo se zangou com a demora da publicação. Proveio, como lhe digo, do excesso de subordinação do meu substituto, que não parece capaz de dar um passo sem autorisação minha. Com a ordem positiva que tem agora para publicar o que vier do meu amigo, sem o enviar para aqui primeiro, estarão sanadas todas as dificuldades. O Franco escreve-me explicando a palavra* Descontente. *Não tem segura a eleição da mesa, e por conseguinte, se proceder de acordo com ela na questão do altar, pode achar-se face a face com a mesa recleita. Dei-lhe a entender em resposta que se a mesa que ele dissolveu fôr reeleita, ainda que não houvesse nem a minima portaria do Avila, a sua posição seria egualmente desastrosa. Mas olhe que é uma bôa tolice dar um passo como o da dissolução da mesa sem ter grandes probabilidades de ganhar a eleição.*

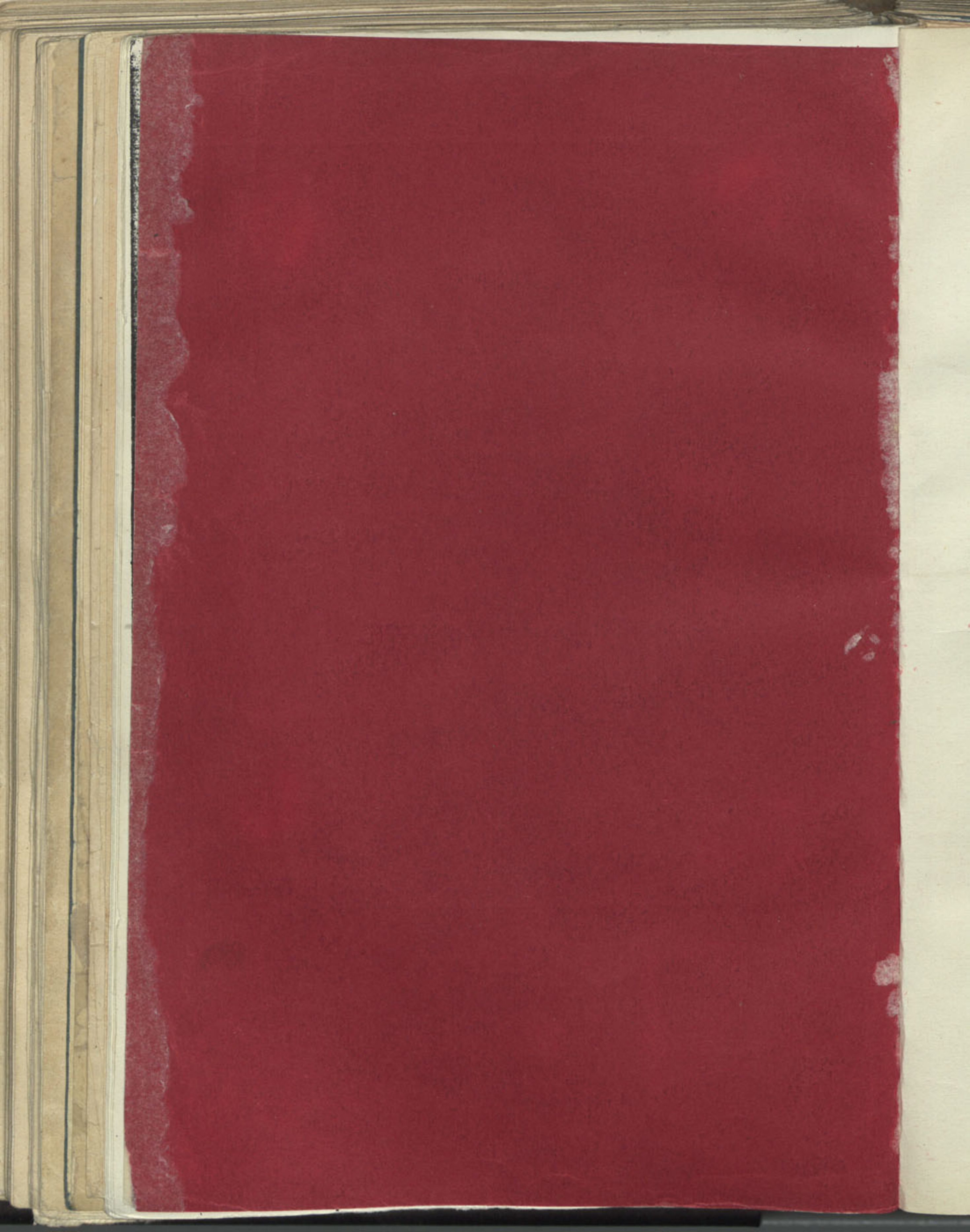
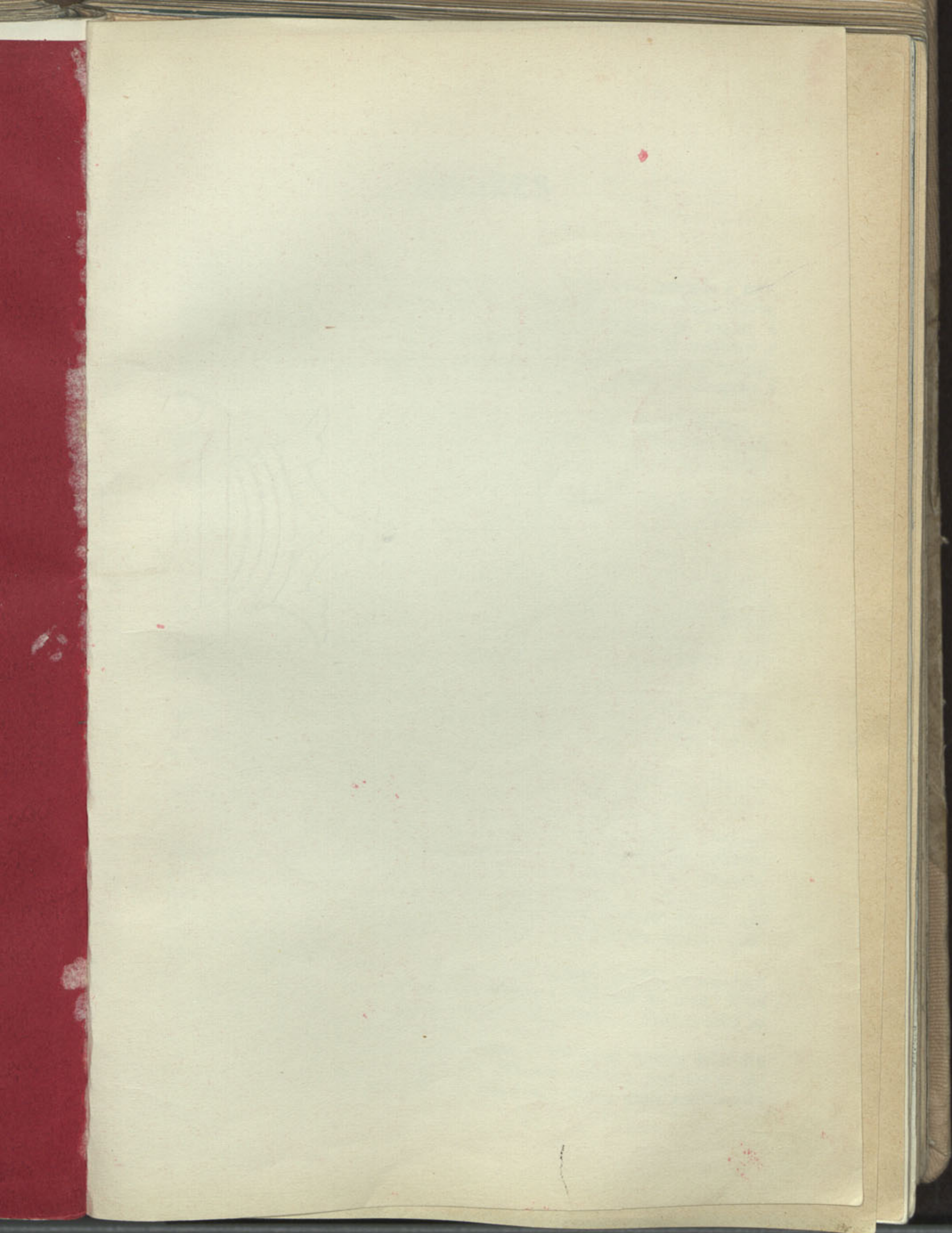
Não recebi ainda resposta do Manuel Vaz a duas cartas que lhe escrevi; não sei o que elle pensa a respeito d'estes acontecimentos. Eu, meu caro Guilhermino, é que estou cada vez mais desgostoso da politica, sobretudo da politica indefenida que fazemos, de que não sei como havemos de sahir.

Contam-me aqui que um outro juiz da relação do Porto pedira a aposentação e que por conseguinte se transferiria para o continente outro juiz da relação dos Açores. Approxima-se portanto a hora de cumprir o Avila a sua promessa. . . . .

Espinho, 1/9/77

M. Pinheiro Chagas

ESTUDO

(De Domingos Sequeira)

AMORES

A **velha** dama de companhia fazia, na sua voz cançada e monótona, a quotidiana leitura do periódico. A baroneza ouvia, desinteressada, êsse ecos da vida, emquanto no fogão, a temperar o ambiente, ardia uma bela chama de topázios e uma chuva nervosa, sacudida, trauteava nas vidraças a ária melancólica do inverno. De súbito a baroneza prestou toda a atenção á leitura.

— A' inexgotavel caridade dos nossos leitores, continuou a amiga, recomendamos hoje o velho e esquècido actor Ricardo Meira, impossibilitado de trabalhar pela doença e pelos anos, que actualmente reside numa mizeravel mansarda, sita na rua...

Irene de Castro, a baroneza do Rosmaninhal, ficou por momentos como que aniquilada e impedida pela comoção de coordenar idéas.

Ricardo Meira... ¡como êste nome, pronunciado ao acaso, repercutia nas profundesas da sua entranha afectiva! Que momentos de anciedade, de esperança e de louco desespero êle não despertava, de súbito, na animatografia perturbante da saudade! Ricardo Meira, o único homem que amára, o único que soubéra fecundar na sua alma o sonho que perpetua as almas e depôr no seu coração uma imagem para a vida inteira!

E êsse amor, em que empenhára todas as energias do sentimento, subsistia ainda, comquanto sem poder dinámico, nêsse estado de saturação contínua em que a tristeza se substitue à exaltação e a recordação à esperança.

A dama de companhia, que conhecia um pouco a historia dêsses amores, interrompeu a leitura ao notar a comoção da baroneza.

A pobre titular permaneceu largo tempo silenciosa.

Revia-se, quarenta anos antes, simples burguezinha ingénua, aspirando a dar a sua mão de esposa, todo o seu carinho de mulher, ao homem que pelo afecto distinguia entre todos. E êsse homem, que a sua visuação recortava ainda, deslumbrante e magnífico, na penumbra dos sóes pretéritos, era êle, êsse infeliz Ricardo Meira, que ela imaginava digno de todos os triunfos e os jornais diziam indigente e desgraçado!

— E' preciso, pensava a baroneza, que o meu auxílio se não faça esperar. Eu própria irei reparar um pouco a injustiça da sorte. Mais um nome acrescentar na relação dos meus pobres... Quem sabe se não seria eu a causa indirecta da sua ruina?...

Por um acaso notavel, nunca mais a baroneza ouvira falar de Ricardo, depois da partida dêste em *tournée* artística por terras do Brazil. Sofreu em silêncio todas as angústias duma alma estilhaçada

pelo desespero, sem lhe ocorrer que tivesse sido abandonada. Aos pais, que se opunham a tais relações, atribuia a culpa de não receber notícias.

Mezes depois aparecia um novo pretendente á sua mão; o barão do Rosmaninhal, grande amigo de seu pai, e seu bem-feitor, na tradição agradecida da família. Irene simpatisou com êle; mas, fazendo um escrupuloso exame de consciência, reconheceu que o não poderia amar. Descobriu os seus sentimentos e a convicção de não poder jámais apagar no seu íntimo a imagem do homem que lh'os inspirára. Atribuiu-se a obstinação a creancisse, desculpou-se-lhe a franqueza e impoz-se-lhe o casamento, com poderosas razões de ordem sentimental.

O barão, creatura generosa, depressa se arrependeu de ter sacrificado á sua afeição uma existência que reconhecia não poder tornar feliz. O que julgava infantilidade era, afinal, um amor absorvente, radicado por uma gestação lenta e dolorosa,—um dêsses afectos que resistem a toda a influência de tempo e de lugar.

Por isso a sua existência matrimonial decorreu insípida, vagamente opressiva, nêsse ambiente de melancolia difusa em que se escoa a vida dos enfermos desenganados. Comtudo a baroneza conseguira crear-lhe, numa reciprocidade de delicadezas, a ilusão de que esquecêra. Não teve porem forças para mais—o barão encontrou sempre sob o ardor dos seus beijos um coração calmo e resignado de amiga, nunca os lábios enamorados da esposa.

Enviuvando muito nova ainda, Irene declinou todas as propostas de casamento que lhe foram feitas, na certeza de que por êle não arrancaria ao destino a mínima parcela de felicidade.

Vivia exclusivamente para as suas recordações e para os seus pobres, que visitava frequentemente com a sua dama da companhia, de quem por um privilégio da bondade, fizera uma dedicada amiga.

Nêsse mesmo dia, ao escurecer, foram elas visitar o velho actor. Uma pobre mulher, que servia de guarda-portão do prédio em que êle residia, acompanhou ao seu aposento as duas senhoras. Pelo caminho contou que era ela que lh'o alugava e que já lhe devia uns três meses de renda; que muitas vezes lhe matava a fome. E rematou:

—Que hade a gente fazer, minhas senhoras? É um bom homem; quando tem alguma coisa, não ha pobresa ao pé dêle. Esta gente de teatro é toda assim, não dão valor ao dinheiro; quanto teem, quanto gastam... Que o senhor Meira, pouco ganha... faz recados nos teatros, ensina a representar nas sociedades... Coitado, que mais hade êle fazer, tão velho e tão doente?...

A baroneza estava comovida e receava trair-se, quando penetrou no míseravel quarto, aonde já ardia a luz indecisa e amarelenta dum candieiro fumacento. A miséria que reflectia todo o ambiente despertou nela um sentimento de piedade tão violento, que as lagrimas lhe sangraram dos olhos. Meira, levantou-se dum desconjuntado canapé em que repousava e esboçou um cumprimento.

Irene reconheceu-o imediatamente; comtudo nada lembrava naquêle velho alquebrado e cadavérico o esbelto Ricardo de outróra.

A visita foi rápida. As duas senhoras, receiando humilha-lo, pediram-lhe humildemente que aceitasse um pequeno auxílio; mas no dia seguinte vários *amigos* lhe enviavam importantes quantias, ocultando os nomes como bons cristãos.

A baroneza estava satisfeita pelo que fizéra. Sonhava agora edificar nos escombros daquêle amor estéril o monumento da amisade perfeita. Dias depois voltavam as duas amigas á residência do actor. Tudo ali havia mudado: as paredes ostentavam fotografias de actores e autores em voga, pequenos bustos de artistas célebres, figurinhas simbólicas do teatro e sóbre uma meza dois ou trez volumes luxuosos. O próprio Meira, escanhoado de fresco e lusindo um fato de bom corte, parecia mais novo alguns anos. A baroneza não poude deixar de sorrir, intimamente. Ricardo inventou uma história incrível para explicar a transformação. Irene escutava-o, admirada de se sentir tão indiferente e procurando em vão surpreender o passado na expressão dum olhar, no entono duma frase na fisiologia dum gesto. Meira tagarelava, satisfeito.

A titular interrompeu-o:

—Que idade tem, sr. Meira?

—Sessenta e dois anos. ¿Tenho aparência de mais velho, não é verdade, minhas senhoras?—e acrescentou, enfático:—é que nós, os artistas, temos uma vida espiritual muito intensa e não é sem um grande desperdício de vitalidade própria que conseguimos encarnar individualidades de temperamento e sentimentos, por vezes tão diversos. Quantas vezes eu não recolhi a minha casa, coberto de glória, é certo, mas doente, gravemente doente, por ter vivido demasiadamente o meu papel!...

—E em que teatros trabalhou?

—Em quasi todos os do paiz e quasi sempre nos melhores da capital. Antonio Pedro e o Taborda, foram meus íntimos... ¡velhos companheiros de triunfo! ¿Vocessências viram-me alguma vês em cena?

—Nunca,—respondeu a baroneza.—E, olhe, duma vês estivémos para ir vê-lo de propósito. ¡Os anos que já lá vão! trabalhava então o sr. Meira no antigo Principe Rial... e namorava, por sinal, uma menina das minhas relações, uma Irene...

—Irene? não me lembro.—E acrescentou num sorriso:—era rapaz e confesso que paguei com usura o meu tributo á mocidade. Nunca pensei no futuro, aliáz teria realizado invejáveis casamentos, mas...

—¿Mas de Irene, Irene de Castro, não se recorda?—insistiu a baroneza.

Meira fôra sempre um volúvel menos por actividade de espírito do que por ausência de faculdades afectivas. Estéril e improgressivo como o de todos os vaidosos o seu cérebro, incapaz da nobreza duma idéa, aliou-se a um coração frio e duro aonde não explodiu nunca a energia dum sentimento.

Imaginára, porem, uma individualidade incoèrente e amorosa,

em harmonia com a vacuidade do seu intelecto, que nem por isso conseguiu realisar; atravez as deficiencias de plasticidade transparecia sempre o cabotino pretencioso, que não conseguindo viver no palco vai repisando pela vida o seu papel.

Impunha-se comtudo á imaginação romanesca das jóvens inexperientes, pelo prestígio duma figura apolínea e da *sua* arte, com a sua frase alambicada e os seus enternecimentos postiços.

Por essa forma suscirára muitas paixões e amára muitas mulheres; nenhuma, porem, com êsse amor violento e absoluto que ou modera pela satisfação e pela saciedade ou deixa nos corações a amargura eterna do desconforto. Foi um amor inerte e insancionado o seu, quasi sempre artificial; puro amor de comediante, sem emoções próprias, com gestos estudados e reminiscências de papéis que tivera de desempenhar. Era uma suprefectação do afecto que resumia, afinal, um aspecto da sua egolatria: em consciência nada encontrára na mulher que o cativasse mais do que a idéa de se sentir amado, mas sem por sua parte experimentar a necessidade de se dar, de se afeiçoar tambem; e ainda naquêle momento, no crepúsculo terrível da sua existência, não era a saudade que o ligava ao passado, mas o pezar egoísta de não ter sabido prevenir, por um casamento vantajoso, o trágico abandono da velhice.

¿Como poderia êle, pois, borboleta inconstante e fútil, determinar quem fosse essa Irene de Castro, obscura florita duma primavera distante, que tão generosamente lhe déra o seu átomo de doçura, se aquela afeição não passou dum episódio insignificante no movimentado entrecho da sua novela passional? E foi assim que êle poude confirmar num tom persuasivo e sincero, depois de ter novo removido as suas recordações, emquanto a baroneza enternecida esperava anciosa a revelação divina:

—Com efeito, não me recordo!

A baroneza viu num relance à verdade absoluta,—a esmagadora ironia dum amor sem razão nem finalidade, a felicidade destruída, o destino falhado... Sentiu que se agitavam gotas de fel na sua entranha humana... Teve medo de romper num desespero ridículo e ergueu-se para sair. A amiga estendeu-lhe as mãos encarquilhadas e frias. Irene apertou-lh'as comovidamente; não estava só!

Ricardo, acompanhando as duas senhoras ao vestíbulo, pediu licença para lhes oferecer uma publicação com o seu retrato.

Era o último número do *Correio dos Bastidores*, aonde um plumitivo, sem pudor nem inteligência, traçava o panegírico do cabotino.

SANTELMO

(INVESTIGAÇÃO HISTÓRICO-ETIMOLÓGICA)

Com a denominação de *Santelmo* (a que os espanhois chamam *Fuego de San Telmo* e os franceses *Feu Saint Elme* ou *Feu Saint Nicolas*) é conhecido entre nós um fenómeno, a que os antigos navegadores e marinheiros chamavam *Castor e Pollux*.

Este meteoro luminoso que, como os leitores sabem, é devido à electricidade atmosférica, manifesta-se principalmente, em noites escuras e tempestuosas, nas extremidades das vergas e mastros dos navios, correndo rápidamente ou volitando algumas vezes através do cordame, sob a forma de lingùetas de fogo, até parar por instantes, para logo se dividir e desaparecer.

Quando uma nuvem, fortemente electrizada, passa muito próxima dum navio, aparece nos pontos mais elevados dos mastros uma espécie de chama ou resplendor luminoso; fenómeno que pode egualmente manifestar-se nas pontas dos pára-raios e nas extremidades de corpos elevados, que sejam bons conductores de electricidade.

Vejamos a este respeito a lenda, a superstição dos antigos marinheiros, e por ventura ainda dos modernos.

No princípio de 1557 despachou D. João III cinco naus para a Índia, dando a capitania mor a D. Luis Fernândez de Vasconcelos, filho do arcebispo de Lisboa D. Fernando de Meneses.

Prestes a darem à vela a nau capitaina abriu água "tam grossa que se ia ao fundo, e chegou a ter em si quatorze palmos della„.

Sem embargo dos esforços empregados foi impossivel estancar a água, nem descobrir o rombo; pelo que "vendo elrei que se ia gastando o tempo, mandou fazer as outras naus á vela, e que aquela se descarregasse, o que elles fizeram já em abril„.

Ouçamos agora o cronista Diogo do Couto: [1]

"A nao foi reuoluida & buscada de popa a proa, sem lhe poderem dar com a agoa, & andaua hũa grande borborinha antre os pescadores d'Alfama, sobre aquelle negocio, que affirmauão, publicamente, que Deos nosso Senhor permitira aquillo, porque aquelle anno lhe tirara o Arcebispo aquellas suas tão antigas cerimonias com que venerauão & festejauão são Pero Gonçaluez leuandoo ás hortas de Enxobregas com muitas folias, cargos de fogaças, & outras interiores de alegria, & de lá o trazião enramado de coentros frescos,

[1] Década VII, L.º V, Cap. 2.º

& elles todos com capellas ao redor delle, dançando e bailando... Tem todos os homẽs do mar tamanha deuoção, & veneração ao bemaventurado são frei Pero Gonçaluez, & o tem por tão seu auogado nas tormentas do mar, que crem de todo seu coração, que aquellas exalações, que nos tempos fortuitos, & tormentosos aparecem sobre os mastros, ou em outras partes das naos, que he o santo que os vem visitar, & consolar. E tanto que acertam de ver aquella exalação, acodem todos ao convez ao saluar, com grãdes gritos, & alaridos, dizendo salua salua ò corpo santo. E affirmão que quando aparece nas partes altas, & duas & tres ou mais daquellas exalações, que he sinal que lhes dá de bonãça: mas se aparece hũa só, & pellas partes baixas, que denuncia naufragio. E tão crentes & firmes estão nisto, que quando aquellas exalações aparecem sobre os mastareos, sobem os marinheiros acima, & afirmão que achão pingos de cera verde; mas elles nem os trazem, nem os mostrão...

Esta pequena luz que estes mareantes portugueses venerão, em nome de são frei Pero Gonçalvez, & os extrangeiros no de santo Anselmo, he tão antiga sua veneração, que já em tempo dos Gregos se celebrauã; porque segundo muitos autores seus contão, quando aquelles famosos Argonautas yão na demanda do Vellosino de ouro, em hũa grande tormenta que tiuerão no mar, apareceo aquella luz sobre a cabeça do Castor & Pollux, & que logo lhe cessara a tormenta...„ [1]

O mesmo fenómeno se pode observar às vezes em terra. Assim Plínio afirma que fôra visto muitas vezes nas pontas das lanças dos soldados nos exércitos, e lhe chamavam *Stella Castoris.*

Não deixa, por isso, de ser interessante o que o nosso insigne cronista Fernam López refere sôbre um caso de manifestação dêste fenómeno.

Na crónica de D. João I (parte 1.ª, cap. 164), quando trata de "Como o Mestre foi por cobrar Sintra e não pôde chegar por azo da muita chuva„ diz êle, descrevendo magistralmente essa espantosa tempestade, entre outras coisas: "As trevas eram em tal quantidade que nenhum lume de relampagos leixavam de dar ousia de vista que prestasse, mas assim como aos mareantes era postrimeira desesperação de gran tormenta parecer nas arcas e cordas das naus lumes e candeias, que é chamado o Corpo Santo, assim em esta danosa noite apareciam taes candeias nas pontas das lanças d'alguns de que eram acerca do Mestre„.

Na crónica do mesmo rei (cap. XL), atribuida a Duarte Núnez Leão, aparece confirmado, mais dum século depois, o mesmo acontecimento atrás relatado, do seguinte modo:

"Finalmente foi a tempestade tal, que nas pontas das lanças

[1] Todas estas considerações, aqui transcritas, se encontram *ipsis verbis*, noutra obra do mesmo *A.—Vida de D. Paulo de Lima*, cap. 1.º e 2.º, e mais resumidamente na *Historia tragico-maritima*. (Relação do naufragio da nau Santa Maria da Barca, no anno de 1559).

de muytos se viram daquellas candeas, que os antigos chamauão Castor & Polux, e os mareantes agora chamam Corpo Santo.„

Camões, nos Lusíadas (C. v, 18), quando diz:

> "Vi claramente visto o lume vivo
> Que a maritima gente tem por santo
> Em tempo de tormenta e vento esquivo,
> De tempestade escura e triste pranto„

refere-se evidentemente ao mesmo fenómeno meteorológico, no que são concordes todos os seus comentadores.

Na mesma época, pouco mais ou menos, J. Ferreira de Vasconcelos ([1]) também escreveu: "Sam Pero Gonçalves bento nos appareceo no masto em candeinhas...„

Oliveira Martins, esclarecendo a designação do fenómeno, diz: ([2])

"O Sant'elmo (sic) venerava-se em Xabregas, onde annualmente iam as mulheres em romaria com capelas de flores conquistar as boas graças do beato bispo de Napoles, martirizado por Diocleciano. É o mesmo que no Mediterrâneo se chama S. Pedro Gonçalves, bispo de Sicília e patrono da ilha; e no mar do Norte se denomina Luz de S. Nicolau, ou de Sant'Anna, ou Corpusant, ou Compasant, corrução do esp. Cuerpo santo„.

Na grande Enciclopédia hispano-americana, s. v. *Erasmo* (San), lê-se: "Afirmam os agiógrafos que... a San Erasmo, sob as designações de San Elmo, Sant Elmo (donde San Telmo), San Ermo ou San Erasmo invocam os marinheiros do Mediterrâneo contra as tempestades e perigos do mar„.

Pela sua parte Bluteau, ([3]) em 1712, regista *Corpo Santo, S. Telmo, S. Pedro* ou *S. Nicolau,* e também *S. Hermo;* e em 1720 regista (pela primeira vez) *Santelmo,* dizendo que lhe parece mais provavel a derivação "que lhe dá Cobarrubias no seu Thesouro, dizendo que Santelmo val o mesmo que Santo Erasmo, abreviando *Erasmo* em *Ermo,* e corrompendo *Ermo* em *Elmo* ([4]). Tal era a compreensão da fonética naquele tempo!

Mas, antes de Bluteau, o licenciado Manuel Correia (1613), referindo-se também ao mesmo fenómeno, disse:

"O primeiro (caso) he o lume santo, como lhe chamão os marinheiros, e commumente os Portugueses S. Pedro Gonçalves, e os Castelhanos Sanctelmo, que tudo he hum, porque o Bemaventurado Santo se chamava Pedro Gonçalves Telmo, como se pode ver na sua vida, que escreveo Frey Vicente Justiniano, da Ordem dos Pregadores„. ([5])

E certamente foi daqui, ou de Bluteau, que Fr. Luis do Monte

([1]) *Eufrosina,* Acto II, scena 5.
([2]) *Camões e os Lusiadas,* p. 222.
([3]) *Vocabulário,* no art. *Castor e Pollux.*
([4]) *Vocabulário,* s. v. *Santelmo.*
([5]) *Os Lusiadas... commentados,* apud Manuel Severim de Faria.

Carmelo ([1]), em 1767, pela primeira vez, na lista dos nomes próprios, incluiu *Telmo*. Mas não menciona *Elmo*.

Do que fica exposto se vê a variedade de designações do dito fenómeno eléctrico; designações naturalmente ligadas à particular devoção de cada povo ou de cada região, claro está, depois da designação ligada à ideia mitológica; sendo bastante curioso o culto tributado ao Santo pelos nossos antepassados, em Xabregas. E seria ainda mais curioso averiguar a origem do emprêgo dos coentros como ornato do dito santo. Tarefa destinada aos competentes.

Quanto à origem dos voc. *Telmo* e *Santelmo*:

Telmo, evidentemente segundo creio, provêm de *Santelmo* por desmembramento, assim como de *Sant'Iago=Santiago=San Tiago*.

Mas *Santelmo?* Vir-nos-ia do fr. *Saint Elme*, ou do esp. *San Elmo* ou *Sant Elmo?* Em qual dêstes países se principiou a invocar um santo chamado *Elmo?*

Problema, cuja solução fica pendente de novas investigações, se é que já não foi resolvido, o que desconheço.

O que, porém, me parece ficar assente é que foi no princípio do séc. XVII, o licenciado Manuel Correia o primeiro que entre nós empregou a designação *Santelmo*, e Bluteau o primeiro vocabulista que o registou.

Anteriormente a estes dois autores nada encontrei sôbre os dois vocábulos; e nas minhas pacientes e aturadas investigações sôbre o onomástico medieval português nada se me deparou que, de longe ou perto, se assemelhasse a Elmo, Telmo ou Santelmo. O que não quere dizer que não exista.

S. João do Campo, 23-IX-912.

A. A. Cortesão

([1]) *Compêndio de ortografia*, p. 41.

O AEROPLANO PERANTE A SCIENCIA

RESISTENCIA DO AR

Como se sabe o ar oppõe uma resistencia ao movimento dos corpos, e é precisamente essa resistencia que permitte aos aeroplanos voar: importa pois ser fixada com a mais perfeita exatidão o seu valor.

Sabe-se que a resistencia do ar, sobre uma superficie em movimento, depende da velocidade d'essa superficie, da sua inclinação, e tambem da sua forma e dimensões. Se o calculo permitte avaliar a resistencia do ar sobre um plano de que se conhece a velocidade e inclinação, é contudo impotente ainda para uma superficie mais complexa: a experiência e a pratica são ainda quem ditam as suas leis aos constructores aviadores, porque só directamente e por tentativas, se pode chegar ainda a uma approximada solução, porem estas tentativas são deveras perigosas pois que para serem approximadas, se devem fazer no proprio elemento isto é, no ar.

Alguns dos apparelhos, construidos por casas, que dispoem de pouco tempo para as series de experiências que seria necessario fazer para cada apparelho, limitam-se a fazer essas experiencias em Laboratorio, fazendo passar uma corrente de ar de velocidade determinada, sobre as azas duma futura machina voadora, mantida fixa. Ora isto é precisamente o inverso do que se passa, na realidade, onde o aeroplano se guarda bem de estar immovel. Pode-se pois, prevêr peia pela experiencia dos laboratorios, o que será esse apparelho em liberdade?

Até aqui tem sido bastante audacioso o ter-se afirmado cathegoricamente, porem apoz as ultimas experiencias do distincto engenheiro Eiffel o caso muda de figura.

No seu laboratorio do «*Champs de Mars*» ha oito annos que elle trabalha, com um cuidado escrupoloso, e as suas tentativas teem sido, felizmente coroadas de exito. Da Torre Eiffel fez o complemento do seu laboratorio, e é ahi que nós vamos assistir ás primeiras experiencias, no anno de 1907, sobre os corpos de todas as formas e animadas de diversas velocidades.

«Deixar cahir de uma certa altura o corpo a estudar, e determinar em cada momento da sua queda, a resistencia opposta pelo ar ao seu movimento».

As velocidades que se teem conseguido obter estão comprehendidas entre 15 a 20 metros por segundo.

O apparelho imaginado para estas experiencias é muito simples e bastante engenhoso!

Consiste n'uma massa muito pesada, oferecendo ao ar uma resistencia pequena e impulsionando na sua queda, a superficie sobre a qual nós queremos determinar a acção da resistencia do ar.

Esta superficie, é collocada á frente da massa e ligada a ella por molas d'aço.

Se o ar não exerce nenhuma resistencia sobre a superficie determinada, estas molas não sofrem durante a queda nenhum deforme. Mas, sob o esforço da resistencia do ar, fazem tensão, e essa tensão permitte precisamente, calcular o valor d'essa resistencia. imaginemos pois, que o apparelho está munido d'um dispositivo registador, escrevendo a cada momento de queda, o espaço percorrido e a tensão das molas: suficiente é depois da experiencia ler o diagramma traçado pelo estylete do registador, para encontrar ahi todos os elementos necessarios ao calculo da resistencia do ar, sobre o superficie estudada.

O apparelho, abandonado do segundo andarda torre, deslisa ao longo do cabo vertical (fig. 1) *Ca* e cahe perto do chão como em queda livre. Para evitar essa queda e se não quebrar o aparelho, a uma altura de 21 metros acima da terra, o cabo augmenta de diametro *T;* por intermedio das poderosas molas (fig. 2) *R a* agindo sobre a tumescencia da corda; o apparelho afrouxa de velocidade até que pára.

Vê-se pois no mesmo croquis abaixo, em *S* a superficie experimentada e em *r* as molas taradas que a ligam ao corpo da massa pesante que provoca a queda. Estas molas estão fixadas pela parte inferior, e á parte superior liga-se a superfice *S* que é movel e se desloca no sentido da vertical, seguindo, conforme a resistencia do ar.

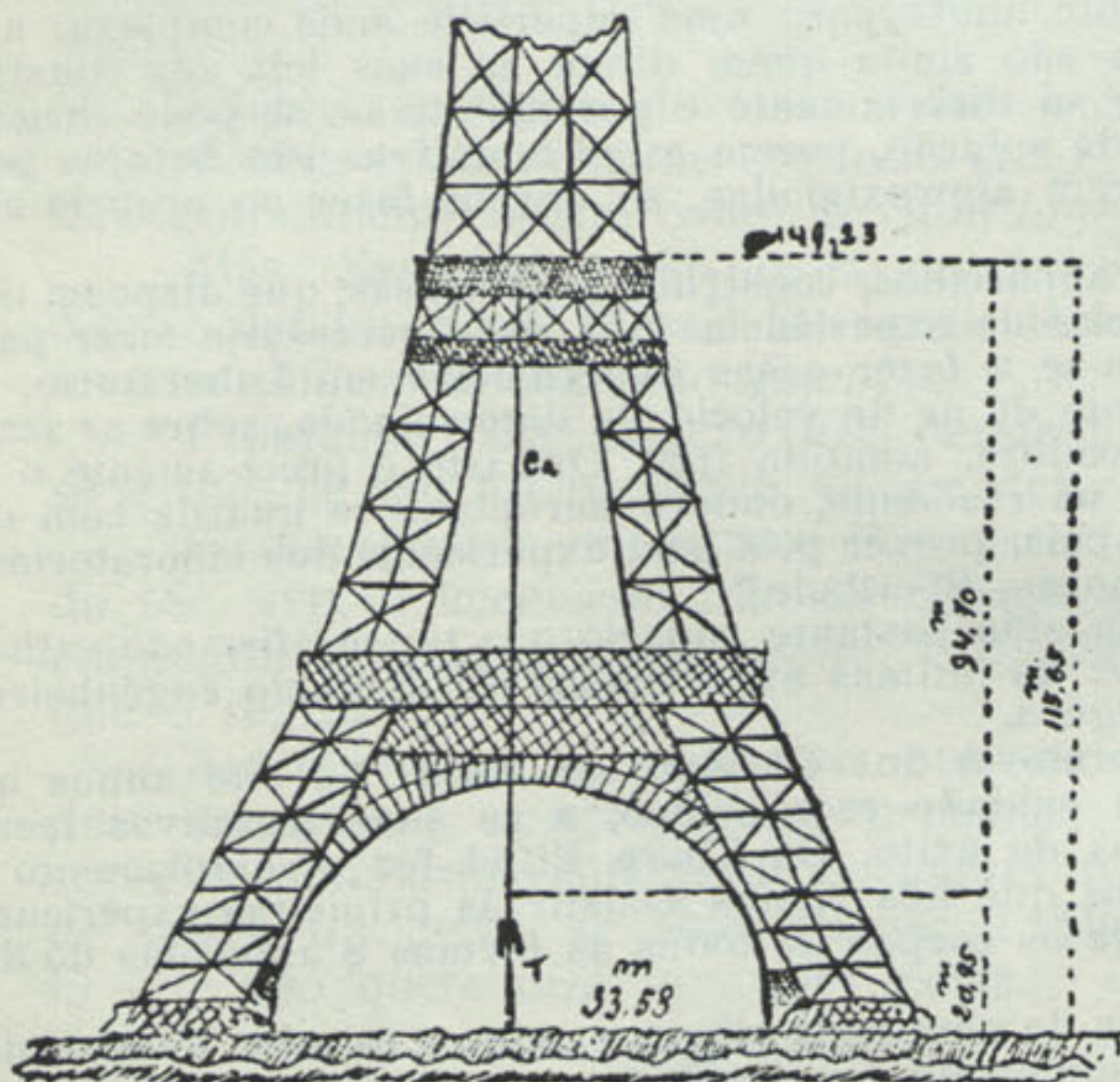



Fig. 1. A torre Eiffel e o cabo destinado a guiar a queda.

Este deslocamento permitte pois avaliar a resistencia, de uma forma concreta, por quanto um diapasão *d* fazendo 100 vibrações por segundo, põe em movimento ao começar a queda a parte movel da mola, que, munida de um estylete que se pode deslocar ao longo d'um cylindro vertical *C*, levado pela linha do aparelho, inscreve no cylindro com uma velocidade proporcional á velocidade da queda. Um braço munido de finos dentes, rola ao longo do cabo, contra o qual é premido fortemente. O movimento, necessariamente proporcional á velocidade da queda, transmitte-se por sua vez a um parafuso sem fim ligado ao registador.

Por outro lado, as vibrações do diapasão, inscrevem o tempo gasto desde o inicio da queda e a tensão das molas.

A curva do diagramma é formada de uma especie de rendilhada sinuosidade em volta do cylindro. Cada ponto d'esta curva, corresponde a uma posição determinada do aparelho de queda ao longo do cabo. O momento onde o

Fig. 2.

O TANGO

(De Armando Basto)

aparelho occupou esta posição é dado pelo numero de sinuosidades que o separam da origem da curva: a tensão das molas n'este momento, é dada pela ordenada da linha mediana de sinuosidade: as abcissas da curva são proporcionaes aos espaços percorridos na queda, e pode-se deduzir a velocidade n'um instante considerado, pois que sobre a folha de papel enegrecido todos os elementos necessarios estão precisamente calculados.

As experiencias não teem lugar senão quando o tempo está calmo e sem vento: A tranquilidade do ar é comprovada por uma série de 5 fios de seda de 1 a 2 metros de comprimento, presos a diversos pontos da torre. Se os fios estam inertes, o tempo é seguro e propicio á experiencia.

As experiencias teem tido logar sob diversas formas e aspectos, quer com superfices planas, quer ainda com rectangulares, quadradas, circulares, conicas, truncadas e irregulares.

Experimentaram-se tambem grupos de superfices planas sobrepostas, hemisphericas, concavas, convexas, e de planos inclinados no sentido do movimento.

Os resultados principaes são os seguintes; nos limites das experiencias, isto é, para as velocidades comprehendidas entre 15 a 40 metros por segundo, a resistencia do ar é muito sensivelmente proporcional ao quadrado da velocidade; no caso de superfices planas, caindo, ou normaes á direcção da queda, o coefficente de proporcionalidade está comprehendido entre 0,07 e 0,08 á temperatura de 12° e á pressão de 760 milimetros de mercurio: em realidade, o expoente da velocidade não é exactamente 2; para as placas parece julgar d'uma forma continua passando por 2 para a velocidade de 33 metros por segundo; mas, nunca lá chega apezar de ficar muito proximo.

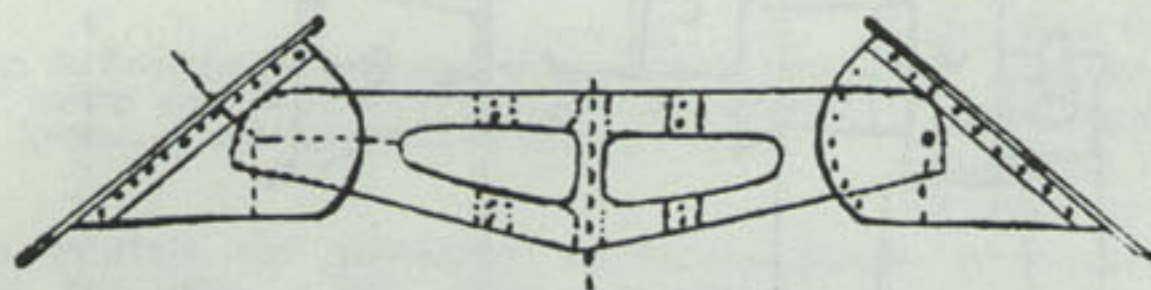



Fig. 3. Dispositivo para medir a resistencia do ar sobre planos inclinados.

Eiffel observou que *a pressão do ar por unidade de superficie sobre placas augmenta com a sua superfice e perymetro.*

Notou, porem, que duas placas sobrepostas teem uma sobre a outra uma influencia muito consideravel, e que a resistencia total do ar sobre o seu conjunto é inferior áquella que se exerce sobre uma d'estas placas, isolada.

A resistencia do ar, por unidade de superficie, é muito reduzida para as superficies terminadas em ponta e muito maior para as superfices concavas.

O caso dos planos inclinados sobre a direcção da queda é particularmente interessante, pelas suas applicações possiveis aos aeroplanos.

Mas, o estudo experimental apresenta difficuldades muito serias. Diversos observadores, que antes de Eiffel, tinham estudado esta questão, obtiveram resultados extremamente diferentes, uns dos outros: esta falta de concordancia deixa portanto um largo campo, aberto, a duvidas bastante serias sobre a sua conclusão.

Eiffel, então, empregou um dispositivo especial para este caso particular.

Os planos inclinados, sobre os quaes se mede a resistencia do ar (fig. 3), são fixados symetricamente ás duas extremidades de uma barra metalica, que tomará no apparelho de experiencia o lugar da superfice S (fig. 2).

Graças a esta disposição symetrica, Eiffel poude eliminar as principaes causas d'erro, susceptiveis de viciar as experiencias, e chegar a uma conclusão que nos fornece a seguinte formula, de uma extrema simplicidade.

Se o plano é inclinado sobre a horisontal, n'um angulo comprehendido entre 30°, a pressão que supporta é proporcional a esse angulo; para alem de 30°, a pressão é a mesma qualquer que seja a inclinação desse plano.

Vamos agora acompanhar em 1910, a continuação das experiencias, que cada vez se tornam mais interessantes. Estas experiencias, muito scientificas, muito precisas, constituem por assim dizer um verdadeiro «*modelo*». Por comparação, permittem ajuizar da precisão de todo e qualquer methodo, mais pratico, ou mais expedito.

Eiffel retomou, pondo-se escrupulosamente ao abrigo das causas de erro, o processo de experimentação empregado pelos constructores d'apparelhos de aviação: uma corrente de ar uniforme, em revessa, de velocidade conhecida é dirigida sobre a superficie immovel: a pressão sofrida por ella é transmittida a uma balança de construcção especial: pesada por esta forma a acção do ar, Eiffel imaginou uma balança, que por trez leituras lhe faz conhecer as componentes horisontal e vertical da pressão, e seu ponto de applicação, e o tal *centro de pressão* que tem feito correr ondas de tinta ás pennas dos aviadores theoricos.

Digamos portanto que se poude constatar que os resultados obtidos pela superficie fixa coincidem perfeitamente com apparelhos encontrados em queda livre.

Por este meio se pode estender ás machinas voadoras em liberdade, o beneficio das suas soluções em laboratorio.

O curioso laboratorio que vamos examinar (fig. 4) é deveras interessante: a entrada effectua-se, como n'uma caixa de ar comprimido, por meio de um systhema de comportas, pois que é preciso não turvar a corrente de ar que sopra no interior do laboratorio: todas as disposições estão tomadas, para a manter rigorosamente uniforme durante a duração de uma experiencia. Esta corrente de ar é aspirada por um poderoso ventilador de 50 kilowatts (68 H. P. vapor) n'um vasto conducto de 1 metro e cincoenta de diametro.

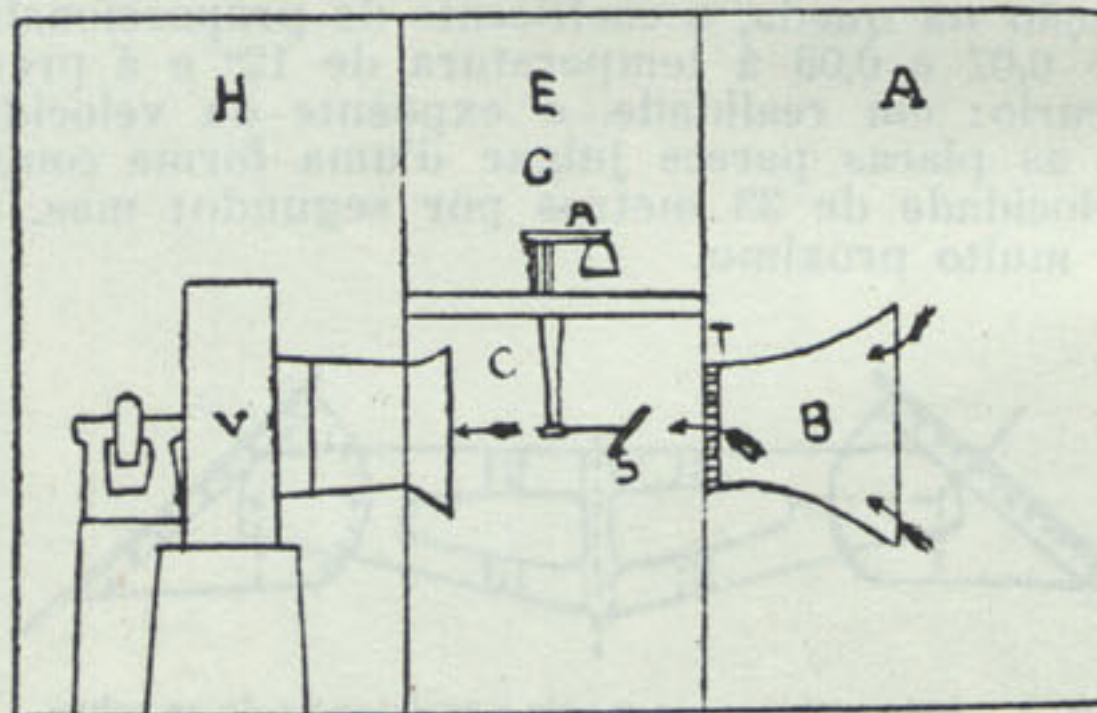



Fig. 4. Schema do dispositivo geral do hangar: C camara fechada de medição: S superficie em ensaio: V ventilador B Butio de aspiração do hangar.

Pode-se collocar no tubo a placa a experimentar: é o methodo dito do *tunel*»; tem porem graves inconvenientes porque se torna impossivel verificar se a presença da placa não deforma os filetes extremos do cylindro d'ar. Eiffel interrompeu tambem as paredes do tubo (Butio) para as substituir por uma grande Camara *E* hermeticamente fechada. E' ahi que se colloca a superfice a ensaiar, suportada pela balança aerodynamica: esta transmitte as suas alterações para uma peça superior onde são notadas pelo observador, cuja presença não deforma d'esta maneira, a corrente d'ar.

A disposição do conjunto é portanto a seguinte: o ar aspirado do hangar por uma adaptação á inflexão regular, chega á Camara de experiencias: ahi penetra pelo diaphragama cellular *T*, em forma de ninho de abelhas para melhor assegurar o paralelismo da corrente, e sahe pelo butio que se nota em B, da secção A da fig. (4).

Devido ás precauções tomadas, a velocidade da corrente de ar é perfeitamente uniforme em toda a secção e muito constante durante a experiencia. Os processos empregados para a medir, tubo de *Pitot* e anemometros bem tarados, deram resultados concordantes.

A balança aerodynamica está disposta de forma a poder ser posta

em equilibrio por trez formas diferentes: cada uma das posições fornece uma equação. O conjuncto permitte calcular a resultante da pressão d'ar em grandesa e direcção e de determinar o seu ponto de applicação.

A titulo de verificação, fez-se a experiencia seguinte: furou-se a superfice já estudada n'um grande numero de buracos: em cada um d'elles foi atarrachada uma porca tambem furada ao centro por uma abertura de meio milimetro de diametro. A face opposta da porca, ao vento, está munida de um manometro da pressão. Todas as partes da placa foram por este meio experimentadas, e a somma d'estas pressões tomadas isoladamente deram o mesmo resultado que a balança. As resultantes obtidas pelos dois processos tão diferentes registam-se pois de uma forma tão notavel que são de natureza a inspirar confiança absoluta.

Fig. 5. Posição comparada dos centros de pressão sobre uma superficie curva e uma superficie plana. A placa curva; B placa plana.

O estudo dos centros de pressão (fig. 5) sobre uma placa de 90 × 15 c. m. curva no seu comprimento como a aza d'aeroplano, flecha de 1/13,5, submettida, seguindo os angulos de incidencia variavel a um vento do 10 metros por segundo, deu os seguintes resultados: As 7 curvas regularmente espaçadas representam cada uma a secção mediana da placa e sobre cada uma d'ellas se transportam as posições do centro de pressão correspondente respectivamente aos angulos de 10°, 15°, 30°... 90°. Estas posições são reunidas pela linha continua A C.

Vê-se, pois, que quando a superfice é horisontal, o centro de pressão occupa o meio: approxima-se sensivelmente da parte anterior para um angulo de 15°, pois a partir de este ponto afasta-se para tornar para o centro da superfice, quando esta superfice se apresenta normal ao vento. Na superfice plana que no croquis representamos ponteado, o centro de pressão é pelo contrario bastante approximado da parte de ataque quando a superfice está horisontal. A linha B D dos centros de pressão tende em seguida a approximar-se do centro da superfice que se encontra attingida pelo angulo de 90°. N'uma superfice curva, a indução é pois maxima, quando a corda faz um angulo de 15°, com o horisonte, isto é *quando o angulo de incidencia é nullo*. N'este caso, o ar investe mais sobre o plano, que por baixo, e mais por aspiração do que por compressão. Comprehende-se com effeito, que quasi toda a superfice superior do plano, seja pedida pela depressão creada

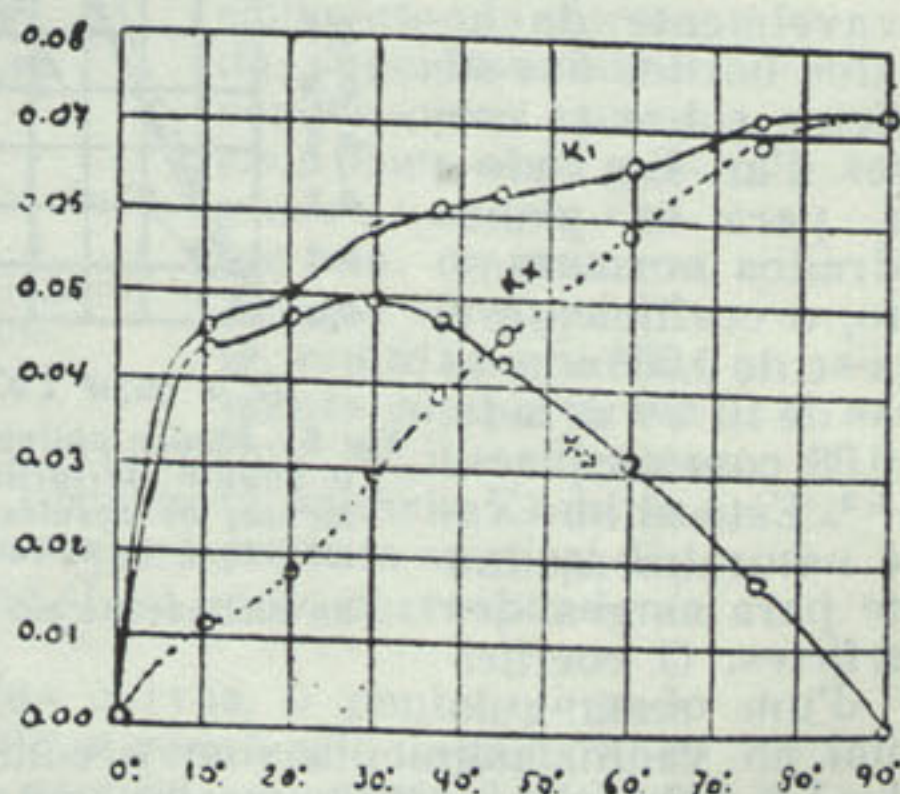



Fig. 6. Resultantes e componentes obtidos sobre uma placa curva de 90+15 cm. Ki, Pressão total unitaria: Kx, pressão horisontal unitaria: Ky, pressão vertical unitaria.

pelas correntes de ar superiores, tocando a placa curva tangencialmente.

Assim se encontra estabelecido um facto muito importante e que os aviadores tiveram já occasião de constatar sem se explicar muito nitidamente.

Fig. 7. O mesmo grafico obtido com uma superficie plana: placa de 85+15 cm. Ki: Pressão total unitaria: Kx pressão horisontal unitaria: Ky, Pressão vertical unitaria.

Outros factos interessantes são postos em evidencia nos graphicos seguintes.

O croquis (fig: 6) representa uma placa curva de 90×15 c m submettida a um vento de 10 metros por segundo, assim como na (fig. 7) o croquis representa uma placa de 85×15 tambem submettida á mesma experiencia. Nas abcissas são marcados os angulos d'inclinação: nas ordenadas os coefficentes K correspondem á formula da resistencia do ar $W = KSV^2$ (sendo S, a superfice e V a velocidade). A curva K*i*, corresponde á pressão total unitaria; a curva K*x* á componente horisontal ou resistencia de impulsão, a curva K*y* á componente vertical em sustentação. Vê-se portanto que o valôr da componente horisontal augmenta constantemente com a inclinação da superfice, enquanto que da componente vertical passa por um maximo de 15º decrescendo rapidamente até ficar nulla em 90º.

Estes resultados são suficientes para attestar a importancia nas investigações de Eiffel; entretanto seguiremos ainda na mesma ordem de ideias aproveitando as experiencias realisadas no primeiro semestre de 1911, sobre o estudo das superfices normaes ao vento.

Fig 8. Planos obliquos: Variações da resistencia do ar segundo o angulo de inclinação: As 4 curvas representam resumidamente, os resultados obtidos para 4 rectangulos do comprimento: 1 (quadrado): 1,5; 2; e $^2{}_3$: em abscissas os angulos de inclinação; em ordenadas o producto $\frac{Ri}{Rq_o}$.

O cefficiente K, varia segundo a forma e a grandeza das superfices; a causa está muito provavelmente da acção dos bordos das superficies sobre as correntes d'ar. Em todo o caso, para os planos quadrados normaes ao vento, o coefficiente K julga-se de 0,065 com as placas de 10 c/m de lado, até 0,08 com as placas de 1m². Este ultimo valôr é naturalmente um limite para as grandes superficies. O coefficiente d'um rectangulo normal ao vento, augmenta com o comprimento. Para os rectangulos de 225 c/m² o valor do coefficiente augmenta de 10 para 100, quando se passa do quadrado ao comprimento 50.

Planos obliquos: Um plano normal ao vento, sofre uma pressão R: inclinamol-o progressivamente até que o tornemos parallello.

N'esta ultima posição não sofre nenhuma pressão. No primeiro caso está-se tentado a julgar que a pressão R, decresce progressivamente ao mesmo tempo que a inclinação, e diminue regularmente até zero.

Na fig. 8, temos uma placa quadrada de 25 × 25 c/m. Seja R_{90} a sua resistencia, quando perpendicular ao vento: se a inclinamos, começa a resistencia por augmentar até passar por um maximo de 37° então começa a diminuir de seguida até se annular por completo, quando a incidencia se torna nulla.

O graphico põe em evidencia nitidamente este facto.

Sobre o eixo Ox são transportados os angulos de incidencia; sobre o eixo Oy o producto $\frac{Ri}{R_{90}}$; Ri é a resistencia correspondente ao angulo de $i°$.

Este fenomeno paradoxal de maximo, depende evidentemente da forma da sua superfice. Encontra-se, mas n'um grau menor, sobre os planos rectangulares: vê-se no graphico as variações do producto $\frac{Ri}{R_{90}}$ para as placas de comprimento 15,2 (grandes lados perpendiculares ao vento) e 1/3 (pequenos lados perpendiculares ao vento) Para os pequenos angulos de inclinação de 0 a 12°, o producto $\frac{Ri}{R_{90}}$ varia sensivelmente proporcional ao angulo de inclinação.

Placas Curvas: estas dependem essencialmente da forma da superfice. Eiffel condensou-as para cada placa n'um graphico a que deu o nôme de diagramma polar e que permitte muito commodamente comparar entre ellas as diferentes superfices. A figura 9, representa alguns d'esses diagrammas. Para um angulo de inclinação i, resistencia unitaria K_i da superfice, tem uma componente horisontal K_x, uma componente vestical K_y. transporta-se segundo Ox; a segunda conformé Oy. o ponto correspondente descreve o diagramma.

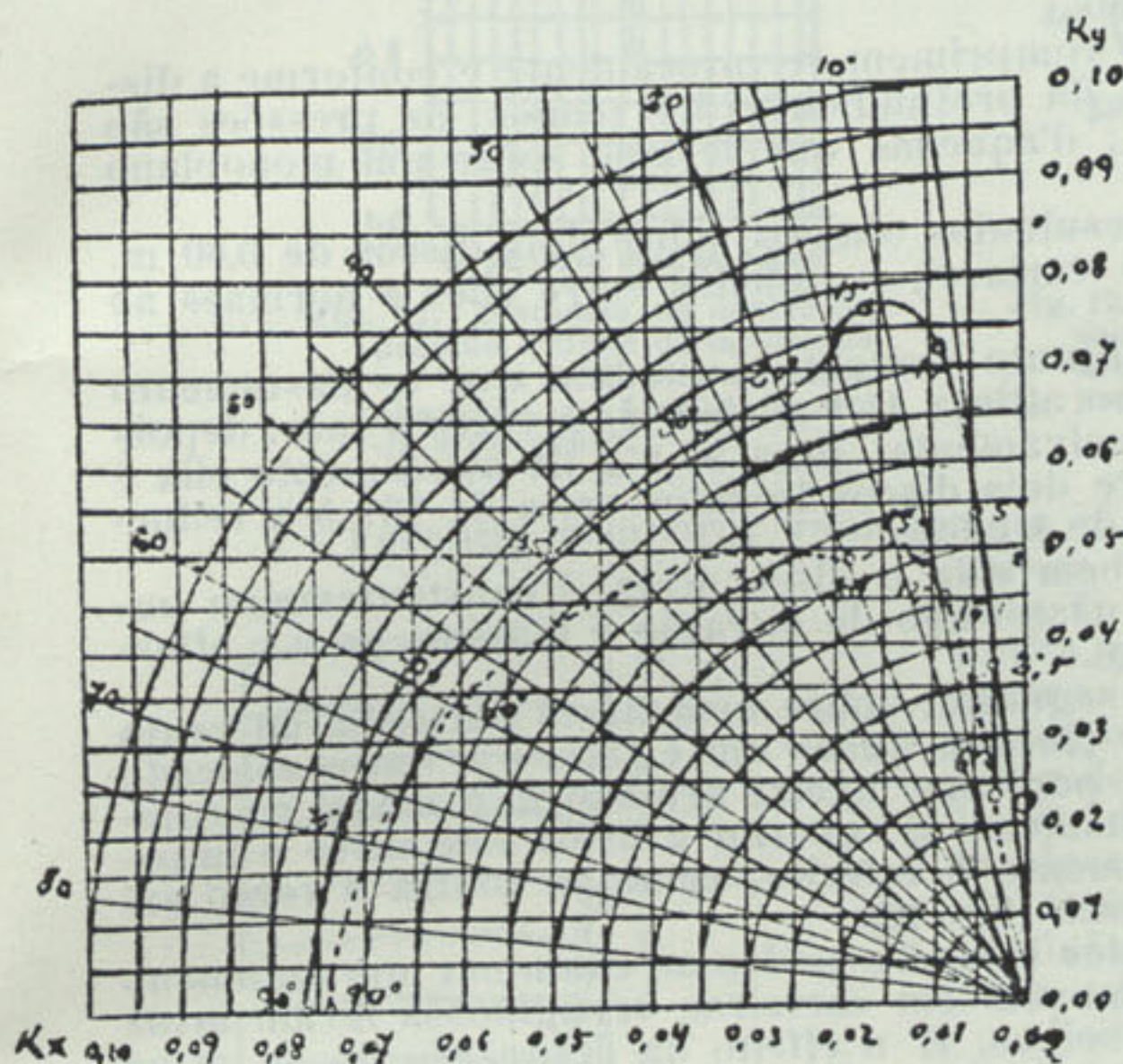



Fig. 9. Placas curvas: Diagrammas polares; em traço cheio, o duma placa curva de 90 × 15 cm. tendo uma flecha de $\frac{1}{13,5}$; em ponteado o diagramma polar de uma placa de 90 × 15 cm.

Tomemos para exemplo, sobre uma das curvas, o ponto marcado 10°; a sua abscissa, indica para inclinação de 10°, a resistencia unitaria horisontal, da placa, sua ordenada. A resistencia vertical suponhamol-a em 0; a recta, obtida representa a resultante, em grandeza e direcção.

Sobrepondo diagramas semelhantes obtidos para diversas superfices, pode-se comparar immediatamente a forma como se comportam no ar.

Outra contestação interessante: para as superfices planas, o *centro de pressão*, approxima-se constantemente da linha de incidencia, á medida que o angulo de inclinação diminue. Nas superfices curvas e conforme o graphico apresentado por Eiffel, prova o contrario, pois que ás fracas incidencias, o centro de pressão diminue para a linha de sahida, quando o angulo diminue.

Superfices parallellas.

As superfices parallellas gozam de um papel importante na aviação, sem fallar das superfices de appoio dos biplanos, supportes, etc.... que nos oferecem numerosos exemplos.

Fig. 10. Deslocamento de um disco protegido contra o vento.

Quando os rectangulos parallelos planos ou curvos, estão dispostos como nos biplanos, pouco inclinados ao vento, as duas superfices se comprimem reciprocamente e conforme a distancia é de $^2/_3$, $^3/_3$ ou de $^4/_3$ da profundidade dos planos; as pressões são reduzidas a 0,65; 0,70; 0,75; d'aquellas que seriam, sobre um monoplano da mesma superfice total.

A notar tambem os resultados obtidos sobre dois discos de 0,80 m. de diametro de afastamento variavel, parallellos entre elles e normaes ao vento.

A pressão sobre o conjunto decresce á medida que o afastamento augmenta, até que este ultimo attinja 45 $^c{}_m$; isto é, 3 vezes o raio: depois a pressão augmenta progressivamente: para 90 $^c/_m$ de afastamento ella é de 9,5 kilog: a pressão sobre dois discos isolados seria de $13^k,5$ a reducção do esforço é pois ainda de 4 kilog.

Pode-se constatar tambem que o disco atraz, é constantemente impulsionado para o da frente. O esforço de attração é maximo para o affastamento de $0^m,45$ e attinge 1,6.

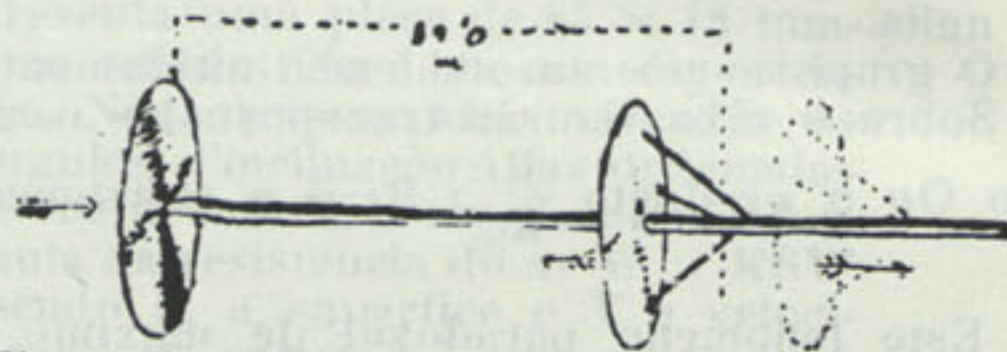
Curiosa experiencia, a seguinte: sobre uma haste parallella ao vento dispoem-se dois discos de $0^m,30$ dos quaes um é fixo, e o outro colocado atraz do primeiro e sustido por uma ligeira armadura, é movel ao comprimento da haste. Se o afastamento é superior a $0^m,68$ este disco é impelido pelo vento. Se o afastamento é inferior, caminha contra o vento até que vem tocar o primeiro disco (fig. 10).

No outomno, nas grandes estradas podemos examinar um fenomeno semelhante, quando os automoveis em carreiras vertiginosas levam atraz de si um cortejo de folhas seccas. E' o effeito da depressão do ar, atraz d'uma placa submettida a uma corrente d'ar d'uma certa velocidade.

Apoz um estudo especial dos corpos redondos, cylindricos, tendo seus eixos parallelos ou perpendiculares ao vento, conicos, esphericos, semi-esphericos, concavos e convexos, cylindros com base hemispherica, corpos esphero-conicos, chegamos até á parte da obra que apresenta interesse pratico mais immediato. O estudo das azas de aeroplano e dos modelos reduzidos de aeroplanos.

Desoito typos d'azas foram estudadas, sete são defenidas geometricamente; as outras são reduções d'azas existentes: Bleriot, Breguet, Ferman, Voisin, Wright.

Para resumir, basta dizer que cada aza submettida ao estudo de que já tratamos deu logar a uma serie de 6 diagrammas.

Sobre o primeiro, são transportados os valores dos esforços unitarios, totaes, verticaes e horisontaes, para os angulos de inclinação (angulo entre a corda e o vento) variavel de 0 a 16°. Estes valores multiplicados pela superficie da aza e o quadrado da velocidade dão o esforço total, a sustentação e a resistencia horisontal. O segundo diagramma representa o

producto da resistencia horisontal á sustentação e inclinação do esforço total. O terceiro é o diagramma polar de que já tratamos.

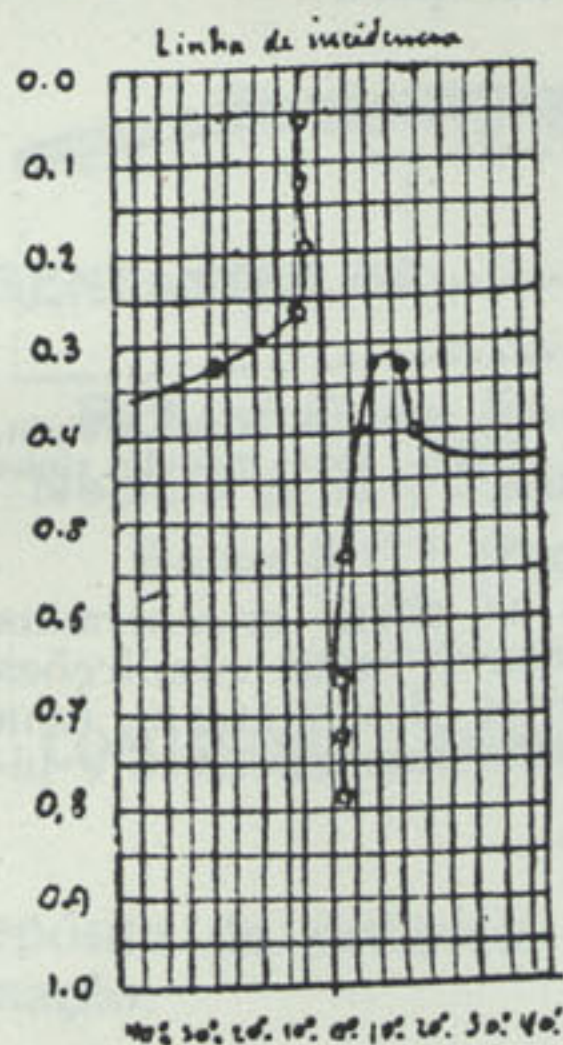



Fig. 11. Distancia do centro de pressão á linha de incidencia em % da largura da aza (nas abscissas, os angulos *i* da corda e do vento.

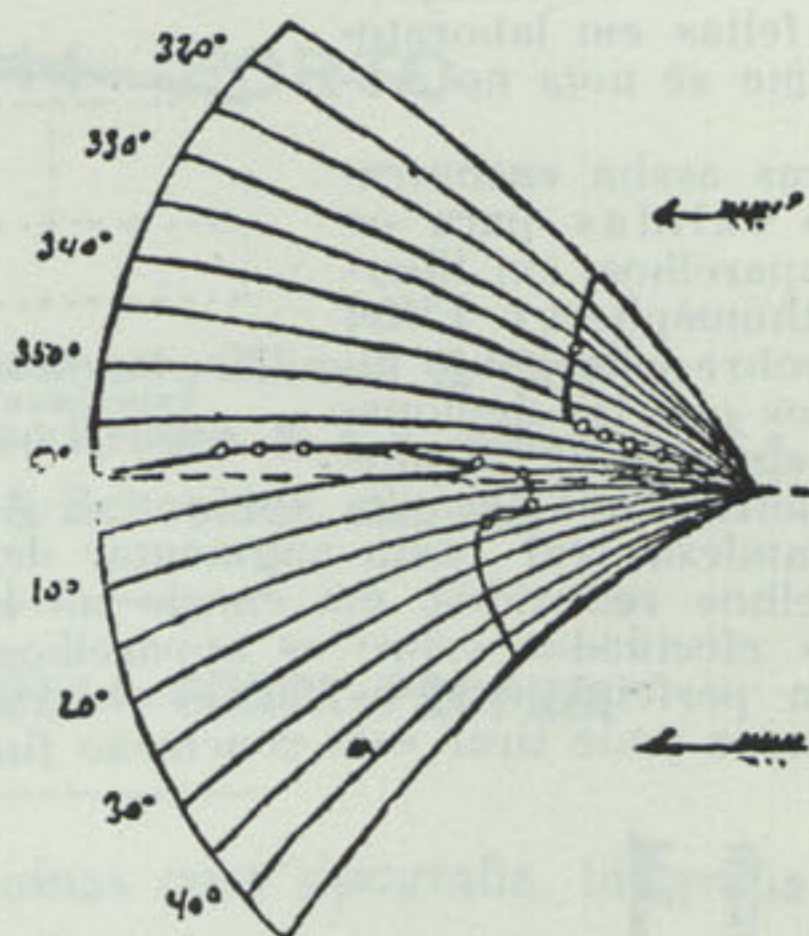



Fig. 12. Diagramma indicando as posições successivas da linha media da aza e sob cada uma d'ellas a posição correspondente ao centro de pressão.

Permitte comparar rapidamente e claramente as qualidades dos diversos typos. A posição do centro de pressão é dada por dois diagrammas: um indica as posições successivas de este centro sobre a linha mediana da aza, quando aquella dá a volta em torno da linha de incidencia; o outro indica a distancia do centro de pressão á linha de incidencia conforme os croquis 11 e 12.

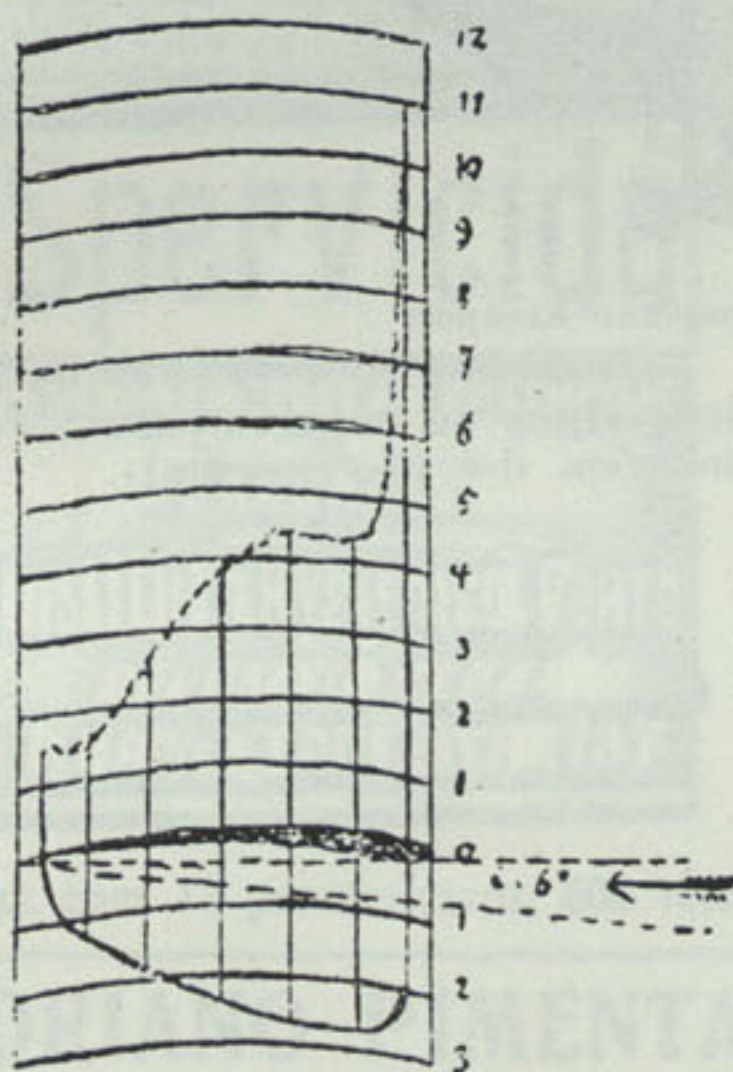



Fig. 13. Repartição das pressões sobre a linha mediana da aza inclinada a 6°; a curva, a traço cheio, indica para cada ponto, o valor da pressão sobre a face concava da aza. A curva ponteada, indica os valores da pressão sobre a face convexa.

O sexto diagramma representa a repartição das pressões na secção mediana para a inclinação do 6.° (fig. 13).

Pode-se provar assim, que proximo da linha de incidencia, a pressão attinge valôres enormes; chegando a alcançar cifras de 120 Kg. por metro quadrado. Nunca sem duvida, os constructores de aeroplanos imaginaram que semelhantes esforços se podessem desenvolver sobre as menbranas dos seus apparelhos. As nervuras e as *lendeurs* deverão de ora avante, serem calculadas por conseguinte, e as azas estudadas de forma a melhor repartir as pressões sobre toda a extensão da superfice. Em geral faz notar Eiffel, a depressão media do dorso da aza é approximadamente, o duplo da pressão media sobre a face inferior. Pode-se pois dizer que a aza é duas vezes mais arqueáda sobre a face dorsal, pois que não é premida sobre a face inferior.

Assignalemos ainda as interessantes experiencias sobre os modelos reduzidos a $^1/_{10}$ dos monoplanos Esvault-Pellerie e Nieuport.

Todas estas observações teem sido feitas em laboratorio, conforme se nota no croquis 15.

Fig. 14. Corte do modelo reduzido d'aza Wright, experimentada por Eiffel. Este modelo tinha 900 $^m/_m$ de envergadura.

As cifras assim encontradas serão validas para os grandes apparelhos, em liberdade na athmosphera? Eiffel tem feito sobre este ponto alguns ensaios que lhe demonstraram o seguinte: os calculos praticos relativos aos aeroplanos de grandeza real basta augmentar dez vezes as cifras encontradas nos apparelhos reduzidos, em ensaio no laboratorio. N'estas condicções os calculos efectuados sobre os apparelhos existentes demonstram uma coincidencia perfeita, com os factos observados pelos constructores e pilotos, donde se pode tirar esta conclusão final:

Fig. 15. Ensaio d'um modelo reduzido de monoplano Kienport

O ensaio do modelo de um aeroplano onde a rigor se experimenta o modelo das suas azas permitte prevér as condições do vôo normal».

Carlos Corrêa Paraiso